

# APÊNDICES

## **Apêndice 1. Guião das Entrevistas**

### **Caracterização do entrevistado**

1. Idade?
2. Nacionalidade?
3. É originário do meio urbano ou do meio rural?
4. Como descreveria o seu percurso escolar até entrar na universidade?
  - Aproveitamento escolar?
  - Acabou o ensino secundário no seu país ou veio terminá-lo a Portugal.
  - Tinha boas relações com colegas e professores?

### **A chegada à Universidade**

5. Tem familiares ou amigos que tivessem estudado no estrangeiro?
6. Alguma vez pensou em estudar no estrangeiro. Porquê?
7. A opção de vir estudar para Portugal foi sua ou foi impulsionado pelos seus familiares ou amigos?
8. Quando chegou a Portugal tinha alguém à sua espera?
9. Onde ficou alojado durante os primeiros dias?
10. Há quanto tempo está em Portugal?

### **Caracterização do processo de adaptação à UAlg**

11. A UAlg foi a primeira escolha para estudar no Ensino Superior fora do seu país?
12. Já tinha informação sobre a Universidade e os seus cursos?
13. Qual o meio de acesso a essa informação?
14. Como se processou o processo de escolha do curso?
15. Quais as principais dificuldades no que diz respeito à inscrição?

### **Processo da interação com os colegas da UAlg**

16. Como caracteriza as suas relações com os colegas de turma?
17. Há outros estudantes dos PALOP a frequentar a sua turma?
18. O seu relacionamento com eles é diferente do que com os restantes colegas?
19. Dentro da turma sente-se, de alguma forma, rejeitado, estigmatizado ou discriminado?
20. Teve ou ainda tem dificuldades em participar nos trabalhos de grupo?
21. Costuma estudar sozinho ou com outros colegas?
22. Costuma participar nos jantares de turma?
23. Costuma passar os tempos livres e os fins-de-semana sozinho ou com amigos? Quais?
24. No seu entender, quais são os maiores entraves à integração dos alunos dos PALOP na UAlg? (Ex. alojamento, relações sociais, ....)

### **Dificuldades institucionais**

25. Teve ou tem algumas dificuldades ao nível da relação institucional com a Universidade?
26. Conhece ou contactou com instituições que prestam apoio social na UAlg?
27. Na sua opinião a UAlg apoia os estudantes oriundos dos PALOP e procura responder às suas necessidades?
28. Alguma vez sentiu dificuldades financeiras?
29. Foi apoiado pelos serviços da Universidade para fazer face a essas dificuldades?

### **Integração na UAlg**

30. Alguma vez sentiu dificuldades relativamente à questão da língua e ao sistema de ensino?
31. Alguma vez sentiu dificuldades na relação com os professores?
32. Gostaria de referir outras dificuldades pelas quais tenha passado durante a sua estadia na Universidade?
33. Quando entrou na UAlg foi submetido às chamadas «praxes académicas»?
34. As praxes poderiam ser uma forma de integração do aluno na Universidade, nomeadamente para um aluno estrangeiro?
35. Que alterações considera importantes na Universidade para uma melhor integração de alunos dos PALOP?

36. Na sua opinião que outro tipo de estruturas de apoio aos estudantes dos PALOP deveria existir?

### **Perspetivas futuras**

37. Pensa prosseguir os estudos em Portugal?
38. A que nível e em que Instituição?

## Apêndice 2. Transcrição das entrevistas

### Entrevistas a José

#### Transcrição da primeira entrevista a José

#### Histórias de vida

|      |      |            |       |          |
|------|------|------------|-------|----------|
| José | Faro | 12-05-2015 | 13H13 | 00:49:26 |
|------|------|------------|-------|----------|

V – Bom dia José antes de iniciarmos a nossa entrevista gostaria de agradecer pela disponibilidade que tiveste em participar neste projeto porque sem a colaboração dos estudantes este projeto nunca se poderia concretizar. Como tal vamos dar início à nossa primeira entrevista, gostava antes de mais de saber quantos anos tens e qual é a tua nacionalidade?

1 – Obrigado pela oportunidade que o Vítor me deu para poder expressar os problemas que às vezes nós os estudantes dos PALOP temos cá em Portugal e noutros países de acolhimento, quanto à minha idade, tenho 44 anos, sou da Guiné-Bissau e vivi sempre no interior do país onde nasci, mas eu fiz uma vida quer no interior quer na cidade, uma vida quase dividida.

V – Sempre na Guiné?

E1 – Sim, sempre na Guiné, o meu percurso escolar, digo, que foi bom, foi sossegado.

V – Tiveste hipóteses de estudar?

E1 – Sim, nunca tive problemas e quando eu estive a estudar em termos de notas e mesmo um processo disciplinar também nunca tive.

V – Foste bom aluno?

E1 – Tive boas notas e também nunca reprovei.

V – Os teus pais eram pessoas que tinham algumas economias para te manterem a estudar, ou fizeram algum sacrifício?

E1 – Os meus pais eram agricultores, eu trabalhava na agricultura, até um determinado momento. Depois tive que ir para outra cidade. Dantes, eu estudava na minha vila, depois quando passei para o quarto ano tive que ir para “Smiterrade”. Smiterrade já estava em outro sítio, quer dizer numa outra cidade. Lá, estudei o quarto ano e o quinto ano, depois tive de passar para uma outra cidade, que é Catió, que é trinta quilómetros da vila onde eu nasci.

V – Foi uma vida difícil de estudante?

E1 – Trabalhávamos durante a época da chuva até ao mês de outubro. [Depois] iríamos pra Catió. Levamos arroz e todas as coisas que eram necessárias que era para fixar ali durante duas semanas ou um mês e depois voltar para procurar a comida. Sempre foi assim [enquanto estava na escola]. Nós tínhamos que cozinhar, que lavar as roupas e cuidar de tudo o que era necessário. O que os meus pais faziam [eramos] nós a fazer isso.

Depois de ter estudado até ao oitavo ano [tive] que ir pra Bissau, porque os meus irmãos já [tinham ido] todos, porque quando uma pessoa passava para o décimo ano não havia décimo ano em Catió, tinha que ir para a capital. Havia muito poucos liceus e, a nível do décimo ano, só na capital. Então, como os meus irmãos foram prá capital eu não poderia ficar lá sozinho. Não poderia porque quando eu ia à minha vila haveria sempre alguém que me trazia de Candeló. Candeló neste caso é um mini bote e tinha que atravessar o rio pra me levar ao outro lado pra que eu [pudesse] caminhar para o destino que era Catió. Cada ida e volta é sempre o mesmo percurso, é sempre de canoa, tenho de atravessar o rio e andar nas muralhas, depois atravessar o outro rio andar nas muralhas, depois atravessar o outro rio e andar as muralhas para chegar onde eu moro e na volta é a mesma coisa, se não tenho bote no momento em que estou na minha vila pra voltar pra Catió sou obrigado a faltar às aulas.

V – Importas-te de referir qual é a tua vila?

E1 – Catungo.

V – Vila Catungo?

E1 – Catungo Porto. Catungo Porto situa-se na região de Tombali, Secção de Combo. É uma Secção que faz parte do Setor da ilha do Como, ilha do Como toda a gente conhece que é onde se travou a grande batalha. Eu nasci em Catungo mesmo,

criei lá, depois fiz o meu percurso escolar de Catungo para Como e depois de Como para Catió, de Catió para Bissau.

No terceiro ano [tive] que ir para um semi-internato. Estava na ilha do Como, isso era mais ou menos 15 Km, eu tinha que atravessar dois rios pra ir lá e depois andar a pé, o terceiro rio fizeram uma estrada que atravessa esse rio, já não se atravessa mais de canoa ou outra coisa assim, dantes se atravessava mais.

V – Já sabemos um bocadinho do teu passado, gostava agora de perceber o teu percurso escolar?

E1 – Até ao décimo primeiro?

V – A partir daí podem entrar na universidade?

E1 – Quando estava na Guiné, quando fiz o décimo primeiro ano em noventa e quatro, já é há muito tempo, não havia universidade. Havia faculdades: faculdade de direito, de medicina e havia também uma escola de formação para professores que é em Ticuté.

V – E tu aí optaste pela escola de...?

E1 – Bom, eu tive sempre a ideia... a minha ambição era fazer Engenharia Informática ou Mecânica Geral ou Direito Internacional, mas só que o grupo que eu segui lá no primeiro estudo, que é primeiro grupo que tem matemática, física, química e desenho e filosofia, (no décimo ano é psicologia clínica que nós temos, no décimo primeiro ano deixamos de ter psicologia e passámos a ter filosofia, o resto tudo é igual). Então se eu quisesse estudar direito internacional, teria que estudar no terceiro grupo, tinha geografia e tinha história, tínhamos até quinto grupo, mas eu pautei-me por dizer não. O meu irmão já estava a estudar direito e não valia a pena [fazer o mesmo]. Tenho que estudar primeiro grupo que é pra fazer engenharia informática, ou fazer mecânica geral, ou física ou matemática ou outra coisa assim. Só que naquele ano que terminei os estudos, a Guiné começa a enfrentar turbulência política. Exatamente nessa época começou o multipartidarismo e a democracia. E começou logo o problema. Eu vi tantas turbulências que em termos de ensino, havia uma desorganização total. Havia a possibilidade de terminar os estudos e, se tivesse boas notas, fazer um requerimento e mandar para o Ministério da Educação (e mesmo que não o fizesse, o próprio Ministério da Educação recrutava essas pessoas) por falta de professores, a fim de contribuir durante dois anos para ter direito à bolsa de estudo. Quem decidia ir pra o interior tinha

que ter dois anos e teria bolsas. Era uma política montada e dava certo, os que estavam na cidade tinham que dar aulas três anos.

V – E tu foste recrutado?

E1 – Sim.

V – Tinhas alguma formação específica na área de ensino?

E1 – Como havia déficit de professores, então recrutavam-nos.

V – Que tipo de alunos recrutavam?

E1 – Os que tinham melhores qualificações para depois irem ensinar os outros, depois iam para a bolsa e na medida que iam para a bolsa já se encontravam os outros a voltar da bolsa de estudo, assim podiam colmatar essas lacunas sabes, só que com essa turbulência, com essa política, foi tudo por água abaixo e eu fui vítima disso, consegui a bolsa, fui dar aulas dois anos, pensava que com aquela turbulência, tudo podia voltar ao normal, mas não.

V – Regressaste a Bissau?

E1 – Regressei a Bissau, em Ticoté, fiz matemática e física na escola de formação de professorado, então depois de ter terminado isso depois do conflito também, eu terminei em Ticoté em dois mil, aliás em noventa e nove a dois mil, primeiro eu estive a estudar no Ticoté e estava lá a dar aulas também em simultâneo.

V – Em Bissau, em Bissau.

E1 – Depois de ter terminado porque a primeira vez que eu fui dar aulas [foi] em Mansôa, depois voltei para Bissau e fiz aí a minha formação em simultâneo a dar aulas mas na escola privada. Quando terminei o meu estudo me mandaram de novo para Mansôa; eu tinha que sair fora tinha que dar aulas em Mansôa, dei aulas dois anos e depois vi que não havia nada porque continuavam a não ter universidade era somente essas faculdades que já tinham há muito tempo e eu também não queria. A minha ambição não era ser professor. Posso até fazer part-time como professor, mas eu queria ter um curso que não tivesse a ver com professorado.

V – Gostavas mais de quê?

E1 – Gostava mais de economia e mais tarde passei a gostar mais da engenharia informática então depois voltei para Bissau. Fiz um ano lá sem trabalhar e o meu

destino era Brasil, cheguei a Cabo Verde levei todas as minhas, os meus documentos, diploma de Chicoté que eu já tive formado em física e matemática, cheguei lá em março e consegui trabalho, comecei a dar aulas de 2003 a 2009, mas a minha ambição era sempre estudar na Europa.

V – Mesmo quando estavas inicialmente na Guiné o teu sonho era vir para a Europa estudar?

E1 – Para já eu tive uma ideia, uma visão de que, o ensino europeu não tem nada a ver com o ensino africano nem com o da América Latina... Não dava para comparar com os outros países a não ser a América do Norte. Sabendo eu que a Europa já estava a estabilizar e tinha um nível de desenvolvimento a todos os níveis que não dava para comparar com os outros países a não ser América do Norte.

Eu queria fazer uma formação mas não só por fazer, queria fazer uma formação em que tudo teria que ter peso e tinha de procurar uma coisa de qualidade, por isso deixei mesmo de dar aulas em Cabo Verde, inicialmente vinha só passar férias [a Portugal] depois resolvi ficar.

V – Ainda estiveste muito tempo em Cabo Verde?

E1 – Sim, estive seis anos, quando vim pra cá, eu vim ao cuidado do meu irmão mais velho que estudou também na universidade e fez direito, mas já tinha terminado os seus estudos e quando vim passar férias, depois fiquei cá e vi que seria melhor, porque não haveria outra forma de vir para a Europa. O documento que estava a procurar em Cabo Verde nunca saiu, (...) e eu vi que a única forma era arriscar. Esperava que acontecesse alguma coisa de mau, ou de bom, porque já sabia que estava a violar a lei, então fui-me inscrever numa escola que é o INETE [Instituto de Educação Técnica] e fiz um curso de formação profissional.

V – Lembras-te em que ano foi José?

E1 – Dois mil e nove. Então eu estudei lá, fiz um curso de Técnico Informático e Gestão de Instalações de um ano e seis meses. Depois terminei esse estudo, mas quando eu terminei não consegui fazer estágio porque tive problemas com os documentos [falta de autorização de residência]. Eu tinha que fazer estágio na Vodafone ou na TMN, o meu diretor levou-me lá para ver se aceitavam que eu fizesse estágio, disseram que não, que eu não tinha documento e se acontecesse alguma coisa lá no trabalho, se os clientes soubessem isso, como eu não tinha documento então as coisas iam ficar piores, podiam

ser multados. Por isso, o diretor propôs-me uma proposta, que era eu fazer estágio na escola, eu disse: isso não tem piada, porque eu estudei na escola, fazer estágio na escola [não é a mesma coisa que] uma empresa, é muito limitado, a minha visão vai continuar a ser a mesma, a única coisa que eu vou conseguir é solidificar o meu conhecimento mas assim eu não vou ampliar o meu conhecimento.

V – Tu tinhas uma ambição maior?

E1 – Sim, maior, maior, o diretor também viu isso e disse-me que era só outra forma de eu não perder tudo “porque não vais ter o teu documento que é o diploma, se não tiveres feito esse estágio”, eu disse: se eu quisesse fazer estágio na escola tinha que fazer oito horas por dia e não tenho meios de subsistência, porque não estava a trabalhar e eu disse que não, a minha vida assim não vai para a frente. [Nessa época] Quando comecei a namorar com uma menina que trabalhava aqui, ela fez-me uma proposta:” porque é que tu não vens para cá?” Talvez encontres trabalho? Mesmo que seja uma coisa informal mas, há aqui muitas famílias africanas, alguém te poderia ajudar num trabalho.

V – Ela desafiou-te para viver aqui, onde José?

E1 – Para vir para o Algarve porque ela ainda morava aqui e eu estava em Lisboa.

V – Era lá que tinhas a tua família?

E1 – O meu irmão vivia em Lisboa, mas lá é difícil encontrar trabalho porque não tinha documento em Lisboa e [o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras] controlavam tanto que as empresas não queriam correr esse risco e mesmo uma pessoa que trabalhe por conta individual também não queria correr esse risco.

V – No Algarve conseguiste trabalho?

E1 – Consegui trabalhar.

V – Qual é a tua situação atual?

E1 – A minha situação não está regularizada.

V – Não conseguiste ainda regularizar-te?

E1 – Não está, eu vivi sempre a dar aulas de explicação, foi assim que eu ganhei a vida e como me formei em matemática, então as pessoas que tinham dificuldades eu dava-lhes aulas de matemática e ganhava algum dinheiro.

V – E é assim que tens conseguido sobreviver?

E1 – Às vezes também aparece um trabalho informal, se um colega me convida para trabalhar eu vou sempre.

V- José quando chegas-te a Portugal já tinhas aqui o teu irmão, ele foi-te esperar ao aeroporto?

E1 – Sim, em termos de receção afetiva, o meu irmão quando cheguei deu-me apoio, mas em termos económicos, o lugar pra onde morar não tinha condições porque ele também terminou os estudos e não tinha trabalho, eu vivi do dinheiro que juntei durante os seis anos em que trabalhei em Cabo verde, vinha com uma soma um pouco robusta, ajudou-me um pouco a viver por muito tempo. Depois quando aquele dinheiro começa a esgotar-se eu vi que havia uma necessidade de voltar a trabalhar para sobreviver.

V – Ficaste em casa do teu irmão inicialmente?

E1 – Eu trazia dinheiro de Cabo Verde, alugámos a casa e comprámos tudo o que era necessário, só que eu disse ao meu irmão que não podíamos ficar em Lisboa. Tínhamos trabalho, mas aquele trabalho também só servia para comer. Não havia tanta coisa e eu tinha que procurar uma outra casa, quanto mais tiver oportunidade de pagar uma renda mais baixa então mais segurança teria com aquele trabalho. Para que aquele dinheiro desse para alguma coisa mas nós dois a morar no mesmo lugar vamos pagar mais caro, um quarto dava pra dormir duas pessoas com necessidades diferentes, é complicado, ele é um homem e eu também já sou.

V – José quanto à tua adaptação à Universidade, esta foi a tua primeira escolha? Pensas-te sempre em Portugal para fazeres os teus estudos?

E1 – Para mim as portas dos outros países estão mais entreabertas ou fechadas, Portugal é mais aberto, então para mim é a oportunidade que eu acho mais fácil de concretizar esse sonho em Portugal que nos outros países, é difícil a questão da língua, não tenho família. Entrei de uma forma legal e depois me transformei numa pessoa ilegal e se fosse para outro país, não sou colono desses países, não tenho documento,

não sou despachado na língua, era fácil despacharem-me de volta. Em Portugal tenho mais hipótese de poder sobreviver.

V – Relativamente à escolha da Universidade, o que te levou a entrar na UAlg? Já conhecias a Universidade?

E1 – Pela oportunidade de trabalho, aqui disseram-me que conseguia um trabalho mais facilmente.

V – Atrás do trabalho é que veio subseqüentemente a tua intenção de ingressar na UAlg?

E1 – O meu plano [foi] assim, eu queria estudar em Lisboa, estava sempre a selecionar universidades, quando cheguei fiz uma pesquisa para ver quais são as melhores universidades em termos de ensino aprendizagem, fiz uma pesquisa em Lisboa de algumas universidades que tinham a ver com Engenharia Informática, fui até ao ISEL, depois fui também ao ISEC, quando vi que não havia nenhuma possibilidade de ficar em Lisboa por falta de trabalho, vi que tinha que abdicar de certas coisas. Vim para cá estudar porque aqui tenho mais oportunidade de trabalhar, eu não posso estar a procurar qualidade, só pelo que eu ouvi e esquecer-me que eu tenho que custear isso. Em Lisboa não tenho condições para comprar passe, comprar comida, pagar propinas, todas essas coisas em Lisboa é uma fortuna, mas aqui é outra coisa, tenho uma vida mais tranquila, quase idêntica à minha Vila, embora [aqui] já é uma Cidade então me favorece mais ficar cá.

V – Qual é o curso que estás a frequentar?

E1 – Gestão de Empresas.

V – Gestão de Empresas foi uma escolha tua ou foi porque dentro da oferta de cursos da universidade esta era aquela que mais se adequava às tuas preferências?

E1 – Não, porque eu entrei na universidade por outro caminho. Tratei com a nossa embaixada da Guiné, porque há um protocolo entre a embaixada da Guiné e a Direção do Ensino Superior, então as pessoas que se candidatam entregam os documentos que são pedidos na embaixada, para se candidatar às vagas e a embaixada leva isso para a Direção Geral do Ensino Superior, são eles é que veem esses documentos, primeiro em conformidade com os documentos que são necessários. Eles depois veem se as notas se adequam a certos cursos. Ali há 3 opções, o documento em

que a pessoa tem que escolher três cursos, depois vão vendo os documentos, certificado de estudo da pessoa para ver se a pessoa se adequa a esses cursos, escolhem o curso que acham mais adequado. Às vezes isso não coincide. Uma pessoa às vezes escolhe e prefere a primeira opção e às vezes não tem nada a ver com o objetivo da pessoa, [é só para completar o processo], então se faz isso, faz-se esse sorteio, inscreve-se [o aluno] num curso que não tem nada a ver. Por exemplo, no meu caso eu não tenho nada a ver com Gestão de Empresas. O curso que eu queria era Economia ou Engenharia Informática, Banca, Instituições bancárias e finanças, mas como esta Gestão Bancária e Finanças só existe nas escolas privadas, universidades privadas, fiquei de fora logo naquele momento e tinha que arranjar uma coisa para me inscrever. Inscrevi-me em Gestão de Empresas e calhou seleccionaram-me. Nos meus documentos faltava o certificado do décimo [ano], como não sabia que deveria entregar isso, que tinha que mandar pedir isso, devolveram todos os documentos à embaixada porque estavam a faltar alguns documentos, depois me informaram que faltava o certificado do décimo porque eu não tinha entregado o certificado do décimo ano, devolveram o documento à Direção Geral do Ensino Superior só que, naquele momento, segundo eles me informaram, já tinham ocupado os lugares em Economia e Engenharia Informática.

V – E tiveste que ficar com uma segunda ou terceira opção?

E1 – Não era precisamente isso que eu queria depois, quando me comunicaram, era tarde, já passavam 45 dias de aulas e quando me comunicaram fiquei um pouco desiludido, eu não posso fazer uma coisa só por fazer, porque há três coisas que levam uma pessoa a fazer curso: eu tenho que gostar, eu tenho que ter talento para isso e eu também tenho que lutar para ver o mercado de emprego.

Eu não posso fazer este curso se não gosto nada deste curso. Depois eu disse: vamos lá tentar ver como é que está isso! Quando eu fui à Universidade da Penha, para me matricular eu disse para a mulher [funcionária dos Serviços Académicos] como é que eu posso mudar para Economia, ela disse que não mas, há uma coisa que podes fazer: matriculas-te em Gestão de Empresas este ano e depois, para o ano que vem, podes mudar para Economia, porque tudo é igual como no primeiro [ano] de Gestão. Então eu fiquei um pouco animado com isso. Disse então: "se assim for, ainda não perdi o barco, posso ainda estudar Economia, para tal é melhor aproveitar este ano". Por isso é que eu estou a estudar Gestão de Empresas.

V – Mas ainda não desististe da tua vocação?

E1 – Não vou desistir mesmo.

V – Vais tentar mudar pela via administrativa? Em que ano estás José?

E1 – No primeiro ano.

V – Como é que está a decorrer a tua integração? Tens conseguido estabelecer uma boa relação com os colegas? Tens algum colega dos PALOP?

E1 – Neste caso não tenho nenhum colega dos PALOP na turma, nem os que deixaram disciplinas do ano passado, a minha integração foi um pouco complicada em termos de enquadramento, até no que diz respeito à questão dos apontamentos pois eu matriculei-me tarde, quase no dia 15 de outubro quando já tinha a tutoria toda cheia, eu tinha que correr atrás do prejuízo e quase na véspera do teste, mas mesmo assim fiz alguns testes e felizmente consegui tirar todas as disciplinas embora tinha que ir a exame. Quanto à questão da integração, não ficou difícil porque eu já conheço o suficiente da vida, sei como é que eu me devo posicionar, o espaço que devo ocupar, com quem posso lidar e com quem posso contar. Com a minha idade, já não dá pra comparar com os alunos meus colegas.

Havia algumas atividades [para] que eles às vezes me convidavam: ir jantar [ou] outra coisa. Mas algumas vezes vi as maluquices e as asneiras que eles faziam. Tinha que mudar de turma. Mudei de turma porque esta onde eu estava fazia barulho, portam-se mal os professores davam aulas e, às vezes e as aulas não tinham nenhuma graça porque não é que os professores tenham problemas, o problema é que outros fazem barulho e uma pessoa fica ali. Eu matriculei-me atrasado, estou a correr atrás do prejuízo, se alguém não colabora com isso tinha que mudar da turma B para a turma A, a turma A era uma turma mais delicada, mais concentrada, então tinha que mudar porque não era necessário participar nesse tipo de eventos, porque se as maluquices na turma já é o que é, lá fora vai ser pior e eu não posso fazer a minha vida e construir a minha imagem pegando maluquice de outra pessoa e deitar tudo abaixo. O que fazem na turma já é o pior, assim fizeram-me mudar de turma. Lá no jantar pode acontecer tudo e eu não tenho documento, eu estou cá como um criminoso, eu sou o culpado aqui mas não posso arranjar outra culpa, então se já tenho culpa fico com isso tudo, o que eu tenho que fazer que sou consciente e sei o que tenho que fazer.

V – Relativamente ao que acabas de falar, acabaste por te isolar dentro da turma?

E1 – Eu sinto respeito e dou-me bem com todo o mundo. Já me convidaram algumas vezes e viram que eu já não vou. Eu mesmo [me] justifiquei com eles: o que vocês fazem na turma não me agrada e eu não sei o que pode vir a acontecer lá fora. Se aqui dentro onde há leis e regras que afinam tudo e vocês violam isso, então lá fora não sei. Não vou. Podemos aqui dar-se bem e ponto final.

V – Como é que consegues gerir os trabalhos de grupo José?

E1 – Graças a Deus o trabalho de grupo desapareceu.

Foi só num trabalho de grupo de Gestão que eu participei. Nesse trabalho de grupo tinha que ter alguns problemas com alguns dos participantes porque as pessoas saíram com essa ideia do décimo segundo ano no secundário, fazem trabalhos mas não se importam com o conteúdo do trabalho, então fizemos no trabalho o que lhes interessa é a estrutura bonita, mas eu disse não, bonita tem de ser acompanhada com regras porque se é só para ficar bonita e depois viola certas regras. Então vamos ter uma nota que não presta porque estes professores não vão ver este trabalho como um trabalho do décimo segundo ano, mas como um trabalho universitário. Então vamos fazer coisas bonitas e ao mesmo tempo seguir as regras, como a vírgula e com a estrutura do trabalho porque cada trabalho tem a sua própria estrutura, não podemos fazer coisas só por fazer, só que eles têm esse princípio. Eu vou dizer uma coisa: eu não vou concordar com certas coisas porque esse aqui é um trabalho de grupo, a ideia de cada um deve vingar eu não quero dizer na sua totalidade mas, se há um pedaço que vale a pena, vamos aproveitar isso, já fizemos trabalhos que a ideia estava ótima e no momento de discutir a ideia não há nenhum problema, agora na estrutura querem fazer tudo como no secundário, eu disse não: aqui não vou aceitar isso. Havia um colega que é um homem formado também, que veio mais tarde, que é o Fausto e o Fausto queria ir naquela linha e eu disse Fausto não. Esses aqui são os nossos filhos e as nossas filhas, nós não podemos agradá-las ou agradá-los porque vamos arranjar um problema que não vamos conseguir reverter, quando o professor der a nota acabou-se. Para nós os dois é o único trabalho, eles [colegas de grupo] se calhar já tinha feito um trabalho e juntando os dois trabalhos vão ter boas notas e nós? Nós não! Se falhar, falhamos, então não vamos agradecer-lhe vamos dizer mesmo como é que se faz porque nós temos a experiência e

eles têm é uma força eletromotriz, são jovens mas a experiência serve para endireitar esta força, não é para ficar sem sentido. Então vamos mostrar como é que isso se faz e fizemos todo o trabalho. Enviem esse trabalho para o professor ver a estrutura, enviaram o trabalho e logo o que eu estava a dizer foi corrigido, porque haviam duas coisas, dois temas com o mesmo peso e escreveram um como se fosse o título principal e o outro como se fosse o subtítulo, logo que me enviaram o trabalho, a primeira coisa que o professor colocou de amarelo foi exatamente onde eu aponte o dedo. [Disse-lhes] “não podemos fazer isso, vocês viram o que é que eu disse.” Todos ficaram mal com isso, acharam que foram menosprezados porque me tinham desafiado. “E agora, viram que bom? Eu não sei! Não vale a pena estar aqui a discutir, este é o último trabalho e mesmo que houvesse outro trabalho, convosco não faço”.

V – E como reagiram os colegas depois?

E1 – Corrigiram o trabalho e eu vi que era aqui, é que estava o problema, mas resolvemos o problema, eles não queriam que resolvêssemos, enviámos o trabalho e felizmente tivemos uma boa nota.

V – Correu tudo bem?

E1 – Correu tudo bem! Mas lá no grupo eu falava só com o Fausto, as duas meninas já não falavam comigo, ficaram muito mal com isso, porque elas estavam a defender isso a todo custo.

V – Com quem costumavas passar o fim de semana?

E1 – É mais com aqueles alunos da nossa residência. Algumas vezes não, porque algumas vezes tenho que mergulhar no estudo porque eu tenho um filho em Cabo Verde e tenho um filho cá, deixei o meu filho que está em Quarteira, às vezes tenho que ir ver o meu filho e outras coisas assim, então o que mais me pesa, o que me faz afastar tanto assim às vezes de diversão, brincadeira ou tentar-me distrair um pouco, é o peso de que eu deixei um filho pra vir estudar, eu não sei como é que o meu filho está ou deixa de estar e não me posso distrair com nada. Dar tudo pra atingir os objetivos, já tenho idade mais que suficiente para estar em certos lugares. Tenho que me focar mesmo.

V – No teu entender quais são os maiores entraves que se colocam à integração dos estudantes dos PALOP na UAlg?

E1 – A questão que eu vejo logo, é a questão do lugar onde morar e o custo de vida. É muito complicado. Nós, em África, às vezes moramos em casa dos nossos pais e mesmo quando a pessoa não paga a casa pondera-se o assunto. Não é assim tão radical. Mas aqui já é outra coisa, se não pagares então tens que dormir debaixo das pontes e não há nada que impeça isso. Então esta é a primeira coisa, a segunda coisa é a integração na turma, porque parece que às vezes as nossas ideias não valem nada. Há colegas na turma que têm dúvidas em termos da matemática, normalmente as dúvidas tem a ver com questões práticas e eu tenho algum cuidado nisso, às vezes quando quero tirar dúvidas a essas pessoas vejo que essas pessoas não se interessam em ouvir, mas vão a uma pessoa que não sabe nada disso! O engraçado é que ela nem sabe que essa pessoa nem sabe nada disso, preferem escolher a outra pessoa em vez de me escolherem a mim.

V – Como encaras esse comportamento?

E1 – Sou africano não posso saber mais que eles.

V – Sentes isso na pele?

E1 – Uma vez estávamos a discutir uma expressão que diziam que vinha no teste, eu disse que não porque quando eu comecei a resolver aquela expressão, eu vi que não tinha nada a ver com o que estávamos a estudar, ainda não chegámos lá, disse a um colega: essa aqui não vem! Não vem porquê? [perguntou o colega] porque o que nós estamos a dar não tem nada aí, quando se resolve essa expressão não tem nada a ver com aquele apontamento, se esta [equação] aparecer num teste os nossos professores estão a colocar coisas que ainda não demos, e ele disse que não! Quando mostrou ao professor como é que resolvia a expressão, eu disse ao professor: nós ainda não demos isso, a nossa professora de Prática quando consultou o programa viu que não demos isso começou logo a corrigir isso para a turma, o rapaz ficou assim.

Uma vez a professora escreveu uma coisa, eu disse que na matemática isso não se escreve, porque não se pode escrever uma fracção elevar somente o expoente no numerador sabendo que esse expoente vai ter um numerador para a fracção, então tinha de levar parênteses, o rapaz disse que não, quando eu completei, a nossa professora disse que ele deveria ter escrito como eu disse, ele ficou assim meio com vergonha e nunca mais conversou comigo, só mais tarde é que ele reconheceu, disse então [o colega respondeu] você tinha dito a verdade. Eu disse a verdade e não foi somente a única vez,

mas você não queria acreditar e foi perguntar aos seus colegas, só que lhe deram a resposta toda errada. Sempre é assim, algumas vezes também quando se está num círculo a discutir um assunto que tem a ver com a vida ou apontamentos, quando os colegas falam todos escutam, mas quando eu começo a falar, todos se atrapalham todos começam a falar de outro assunto que não tem nada a ver e ninguém quer ouvir, então se distraem, não consideram a minha palavra. Havia um projeto que nós estávamos a fazer com a Câmara, que era para ajudar a colmatar algumas lacunas em termos sociais, então estavam a discutir, a discutir, a discutir e me chamaram pra participar, discutiram, discutiram, discutiram e quando eu comecei a falar ninguém me deu ouvidos, então afinal!? [um colega disse] Vocês convidaram o rapaz para dar a sua opinião ou vocês convidaram o rapaz só pra ouvir, então eles ficaram calados. Eu disse para mim que estava quase a desistir porque não vale a pena, eu não sou um simplesmente ouvinte, não eu não sou simplesmente ouvinte, eu tenho as minhas ideias, se calhar sou o mais velho de todos e já tenho experiência mais que suficiente, então vocês poder-me-iam ouvir, por mais que não valha nada, por questões humanas. Então todos ficaram com o peso e se calaram, depois eu falei, eu falei, eu falei, mostrei mais ou menos o que queria fazer no projeto, mas a Câmara já tem um projeto, muita coisa não podiam fazer e lá estava a lacuna pra colmatar, nós não poderíamos estar a fazer um outro projeto então vamos confrontar com a Câmara e vamos sobrepor as coisas! Não vale a pena, foram adiante exatamente com isso, só que chegaram à Câmara e disseram-lhes que não, vieram depois me contar e eu disse: olha eu estou fora, estou de fora porque não vale a pena, vocês já sabiam que isso não vai dar certo, nós sabemos o que é uma sobreposição, não ia dar certo.

V – José, quanto aos professores alguma vez sentiste rejeição da parte destes?

E1 – Não, não.

V – E quanto aos funcionários da escola sentes que existe respeito pela multiculturalidade, pela diferença?

E1 – Não tenho problemas, não sei se é também por questão da minha idoneidade porque sou responsável, já sabem que essa pessoa não é como uma pessoa de dezoito ou vinte tal anos, é uma pessoa que já tem idade, já sabe o quer, então o meu relacionamento com os meus professores é quase como, é de igual pra igual, me tratam

às vezes por “senhor” e eu fico constrangido com isso, mesmo fora [da escola] damos bem.

V – Obrigado e daríamos aqui por terminada hoje a nossa entrevista, quando tu tiveres disponibilidade agradeço a tua colaboração e até um dia destes.

### **Transcrição da segunda entrevista a José**

#### **Histórias de vida**

|      |      |            |       |          |
|------|------|------------|-------|----------|
| José | Faro | 05-06-2015 | 17H45 | 01:14:41 |
|------|------|------------|-------|----------|

V – Olá, José boa tarde, vamos dar início à segunda fase das entrevistas, relativamente à questão que eu estou a estudar e que te falei logo no nosso primeiro círculo de entrevistas. Gostaria de te colocar mais algumas questões que acho que são pertinentes para a minha investigação. Gostaria, antes de mais, de saber se, relativamente à questão da língua sentiste dificuldades quando chegaste a Portugal?

E1 – Não tenho, a nível de português não tenho problemas, falar fluente como um nativo é que eu não falo, eu falo cometendo alguns erros, mas tenho noção que é um erro e posso corrigir logo, mas não sou fluente como um nativo, não tenho esse problema. O problema é mais de integração, sou uma pessoa um pouco reservada, o meu problema é isso, não sou uma pessoa hesitada que gosta de estar no meio... a fazer alguma coisa embora como às vezes os adolescentes fazem e com a idade que já tenho dificilmente iria entrar nesse ambiente de adolescentes fazendo a mesma coisa que eles. Tenho que preservar a minha idade e saber que não tenho nada a comparar com alguns alunos da turma, portanto dificilmente entro nessa. Por vezes entro para discutir um assunto e quando eles passam esse limite e começam a falar coisas de adolescentes, eu sempre gosto de recuar, reservar a minha própria dignidade, em conformidade com a minha idade.

Eu identifico mais com um colega... eu sei que é uma pessoa idónea, está na fase em que eu estou em termos de idade, nós compreendemos, falamos a nossa linguagem...

V – Achas que seria interessante a própria Universidade promover uma inter-relação entre alunos quer de diferentes nacionalidades, quer de diferentes idades?

E1 – Eu acho que isso vai influenciar muito, até que muitas atividades, organizar alguns torneios, as pessoas podem estar juntas a jogar, e discutir por exemplo sociologia, porque por vezes nós temos alguns bichos na cabeça que criam algumas imagens de algumas coisas que não existem, essa discriminação... em relação aos africanos, a ignorância conta muito nisso, porque quem sabe e faz está a produzir mas quem não sabe e faz pode pensar que está tudo certo e se uma pessoa ... há pessoas que nasceram e só ouviram coisas más dos africanos, e há pessoas que nasceram que também só ouviram coisas más dos europeus. Portanto, mesmo que uma pessoa se queira integrar, esse bicho está sempre a funcionar, e se existir uma atividade em termos académicos em que as pessoas podem discutir, as pessoas vão compreender que afinal nós somos todos iguais.... outra coisa isso passou, passou, a guerra mundial o povo se relaciona como se nada tivesse acontecido, ... através de torneio... ou desse assunto.

V – Na Universidade do Algarve isso não acontece?

E1 – Eu acho que não, eu não ouvi falar nada disso.

V – Não ouviste falar de nenhum programa deste género?

E1 – De um programa assim não ouvi, parece que não existe.

V – Esperavas ter na Universidade torneios inter-turmas ou outras atividades que fomentassem o convívio e a interação social entre as pessoas?

E1 – Um debate acerca do nosso mundo, às vezes ver se as pessoas na universidade falam de integração, cada um podia opinar para melhor saber o que se passa na cabeça das pessoas que cá estão, ficámos com isso com esses problemas mas ninguém sabe, podia haver alguém que possa ajudar como melhorar isso e ninguém sabe, mas se estivéssemos a discutir uma coisa, porque essas coisas acontecem todas connosco, não somente com os africanos, devíamos compreender que temos algumas pessoas que têm barreiras que não conseguem ultrapassar mas talvez com uma discussão aberta em que as pessoas opinam à cerca disso, essas barreiras podiam começar a cair aos poucos?

V – Achas que é um trabalho que se devia fazer, não deixar que o problema continue fechado numa sala por ser um assunto tabu, ninguém quer mexer. Achas que se deveria começar a falar do assunto?

E1 – E às vezes acho que as pessoas que faziam isso, as pessoas vão ter algumas crispações na sua discussão mas, ao fim, as pessoas vão entender de alguma forma que... é para solucionar as coisas, minimizar as coisas mas ao início vão pensar que ... mas no fim vamos ver que temos... quer quebrar a sua barreira porque o mundo que uma pessoa constrói é diferente do mundo que outra pessoa constrói, se alguém construir um outro mundo eu posso derrubar, porque quando uma pessoa constrói um outro mundo,... acho que posso pular esse muro, mas a fossa que existe nesse muro é tão grande que só damos conta disso quando acontece alguma coisa desastrosamente na nossa vida, acabamos por entender que construímos um muro e não podíamos escalar esse muro. Entretanto acabamos por nos aprisionar dentro da nossa própria prisão, nós próprios criamos a nossa própria prisão e muitas vezes não queremos sair dela por ser assim.

Eu estou a referir isso porque há muitos africanos que chegam cá ... os europeus acham que vão ser humilhados ou tratados mal e não vão ajudar, vão sempre rir deles, entre outras coisas, ou pode fazer alguma coisa que tenha a ver com a sua tradição ... então essa pessoa está a construir um erro... só na sua comunidade até uma pessoa na minha porta pode vir levar o seu muro, mas como o muro dessa pessoa não está construído ela consegue passar e não faz mais nada da vida.

V – José existem outros tipos de apoio que gostasses de referir?

E1 – Na minha opinião, os estrangeiros que estão na Europa têm imensos problemas e nem todos os PALOP têm representação em todos os locais. Por exemplo, nós aqui em Faro não temos consulado, então isso depende somente da associação, associações com dificuldades económicas. Aqui e também por todo o mundo temos de andar de um lugar para o outro em busca da sua própria vida sem se preocupar com isso, portanto essas coisas não funcionam ou funcionam em empresas, as associações é ocasional, não é ... tás a ver, e por vezes as próprias pessoas que têm problemas precisam de comer ... e nem têm para essas situações mas Se houver uma representação na universidade para os estudantes [dos PALOP] podemos aproveitar isso, como é que é para ir viajar? Para procurar representações? [diplomáticas] ... Eu tive que enviar os

meus documentos para renovar e não tinha um gabinete na universidade., tinha que fazer um novo passaporte e não tinha dinheiro e tive que mandar renovar ... porque termos um passaporte novo, e todas essas coisas Quando temos problemas precisamos de um lugar para resolver iss, [mas como fazemos?] Se nem dinheiro tenho para pagar propina... algumas vezes com documentos caducos e não tem como renovar esses documentos e se tem problemas e não sabe como procurar a informação porque a informação que se vê na *internet* pode não ser como se alguém estivesse lá presente.

Então o que é que acontece também às vezes, às vezes é o seguinte, a informação fica contraditória e eu lembro-me na renovação de documento... uma pessoa me dá uma informação hoje, amanhã outra pessoa me dá outra informação, quer dizer as pessoas não entendem que as coisas estavam a ser autorizadas, e continuam sempre na mesma perspetiva, e eu fico sempre ali a trabalhar... porque ali onde é o local de trabalho não devia haver isso porque eu saio de lá sempre [a pensar] que alguma coisa faltou, mas onde é que eu vou encontrar isso, vêm os documentos individuais... mas há coisas técnicas que eu não consigo entender, e preciso de uma pessoa que me desembrulhe isso.

V – Achas que seria importante a Universidade estabelecer protocolos com o SEF?

E1 – Poderia ser criado um gabinete e de 15 em 15 dias, ou de mês a mês, podíamos ir lá contactar com o inspetor do SEF e assim as pessoas podiam colocar e esclarecer os seus problemas e como é que as coisas funcionam, eles podem fazer esse gabinete ... podem também se porventura se alguém tiver um problema com as bolsas, há alunos que, por vezes, podem ajudar ali, simplesmente, nós não temos conhecimento disso, ora é uma forma de explorar ajuda nesse sentido, ... mas se uma pessoa precisar pode até contactar sempre uma pessoa da tal organização que viesse de 15 em 15 dias. Mesmo que fossem pessoas de diferentes organizações para falarem mais ou menos dos assuntos que incomodam tanto. Eu acho que esse gabinete podia ajudar.

V – José alguma vez contactaste os serviços de ação social?

E1 – Bom... a única coisa que eu sabia é que esses serviços de ação social que eu precisava era o quarto, não tenho regalias para ter quarto, mas, como havia quartos, deram-me um quarto, lá na zona de Faro, na “Residência Universitária da Penha” e quando tiveram quarto aceitaram a minha transferência para cá na “Residência

Universitária das Gambelas”. Também soube de alunos com algumas dificuldades que vão dormir do outro lado da Penha, vão à cantina comer, de resto não tenho assim muita ideia, como é que funciona, como é que eles fazem, se dão alguma ajuda em termos sociais e económicos.

V - Achas que a Universidade tem tido uma divulgação capaz do seu Serviço de Ação Social?

E1 – Eu acho que deve ser mais [regular] se calhar essa informação não é regular. Fizeram isso foi no ano passado, mas para alguém que entrou este ano não tem informação. No meu caso, eu não tenho nenhuma informação acerca dos Serviços de Ação Social. (...) Não consigo minimamente ter uma ideia de qual é a função dos Serviços de Ação Social até os meus colegas que tiveram cá o ano passado, sempre a informação que eles me deram é tudo a trabalhar eu não consigo esclarecer naquela informação, eu não consigo minimamente ter uma ideia de qual é a função do serviço de Ação Social, porque eles dizem [uma coisa] a uma pessoa e a outra pessoa diz: não, não é assim ... comigo funcionou assim... e depois veio outro [aluno] que disse não mas não é assim, então eu fiquei nisso, por exemplo, fiz um cartão de multibanco, de caixa [Caixa Geral de depósitos] e muitos me disseram para ir pagar ali na reprografia onde se fazem as fotocópias, eu cheguei lá e a menina disse, isso nunca se entrega aqui, isso entrega lá no banco, eu vou ao banco e ele [bancário] diz ai isso entregasse no outro lado, não há uma informação concreta. Quanto à informação do quarto, eu perguntei aos colegas que conseguiram quarto e eles disseram que, mesmo não tendo a bolsa, conseguia quarto e na universidade disseram-me, que se sobrarem camas dos quartos eu posso ter, mas se aparecer a pessoa que tem direito, bolseiro, tenho que abandonar o quarto. Mas os colegas não sabem disso, dizem” não, tu não podes abandonar, tu estás a morar cá já não podes abandonar.” mas não a regra dita o seguinte, quem tem direito é quem tem a bolsa, se eu não tenho uma bolsa é prioritária, e eu tenho que abandonar, mas muitos contrariam isso porque dizem aí “comigo funcionou assim”, e também não é assim porque veio a pessoa que era bolseiro e nunca me mandaram sair e eu disse porque tem quarto no outro lado, e tem de ver nessa perspetiva porque se não tivesse como me disseram eu tinha que ir embora, a informação assim é muito confusa.

V – Achas a informação muito confusa? Insuficiente?

E1 – Eu queria mudar de curso e ninguém me podia dar essa informação, numa instituição onde as pessoas vão adquirir diplomas, as coisas não se fazem assim., não é mudar agora, mesmo ... que fará para mudar o curso, aí mas a mim é a mesma coisa, pois mas eu tenho de ter argumento e como avaliar depois esse caso que é depois para mudar de curso e eu tava ... porque ninguém me deu essa informação que ficava tudo assim na mesma coisa.

V – Este é o teu primeiro curso na UAlg ou já frequentaste mais algum curso?

E1 – Não, aqui é o meu primeiro curso.

V – José queres regressar ao teu país, ou queres estudar e ficar pela Europa ou tirar outro curso, quem sabe um mestrado ou um doutoramento?

E1 – Normalmente o meu futuro ... eu tenho a ambição de atingir... Uma das coisas que me incentivaram a sair do meu país, [porque eu não saí do meu país como emigrante para chegar à Europa], foi para terminar o meu curso e ir-me embora, quero fazer a licenciatura depois vou ao meu país, quer dizer eu podia ir ao meu país durante esses anos mas como não tinha [dinheiro] suficiente para mim e para ir ao meu país, eu decidi estudar, tirar a licenciatura, juntar algum dinheiro, e depois visitar a minha família bom, se calhar posso fazer como os meus colegas. Há colegas meus que estão aí e estão a fazer o mestrado, às vezes aparecem aqui fazem alguns meses, depois voltam trabalhando, eu penso também assim porque em vez de estudar logo tudo, eu podia estudar o primeiro ano de mestrado e logo o segundo ano, já a coisa é outra, é só reunir os documentos, já posso ir para a Guiné, com a linha orientadora, mas também quero fazer outras coisas porque já fiz um curso Técnico de Informática aqui em Portugal e quero fazer isso que é para dar mais suporte.

Em termos económicos, lá os valores económicos, são muito diferentes e lá [Guiné] temos outras coisas da vida ... muitas vezes vale mais do que a pessoa ser famoso e ter muito dinheiro.

V – Quando entraste na Universidade foste praxado? Qual é a tua opinião acerca das praxes? O que é que se passou contigo em concreto?

E1 – Eu não passei por esse problema, porque cheguei atrasado, já a 15 de outubro ... e já tinha passado mas pelo que sei... a menina que toma conta dos nomes de quem é praxado, veio até mim e eu disse que não, porque praxe, para mim, podia ser uma boa coisa até certo ponto, mas há coisas que a juventude não consegue controlar,

porque as coisas têm limites, não se pode aproveitar uma coisa boa para fazer coisas que não são boas, o que eu vejo na praxe é que às vezes ultrapassam o limite, já vi pessoas “mortas” na praxe porque ultrapassam o limite. Já vi pessoas que foram traumatizadas, já vi pessoas que foram violadas, já vi pessoas que beberam e depois ficaram com problemas de saúde, foram drogados pelos colegas, aproveitaram e colocaram droga no vinho. Se a praxe é um meio de integração então deveria ter, pelo menos, ter uma ética de integração., as pessoas deveriam entender praxe como uma coisa boa e não uma coisa para se aproveitar dos outros ou para praticar a delinquência ... no mundo que nós vivemos, [fazemos] coisas erradas [abusamos da] confiança dos outros pensando que estamos numa brincadeira em que todos podem gozar da liberdade para melhor se conhecer e há quem se aproveite disso para magoar os outros, um colega pode-me entregar vinho e eu posso beber, e eu não vou desconfiar que esse colega me colocou droga na bebida, que me pode afetar algum e [trazer] problemas de saúde para a vida inteira, e depois sabemos que droga não tem nada de integração. A droga não tem nada a ver com integração, obrigam [os alunos praxados] a brincadeiras de mau gosto, para esse colega está tudo bem, mas quando se começa a ver isso [brincadeiras] na *internet* começa a ter uma repercussão totalmente diferente, porque não houve [respeito pela privacidade] ... os meus colegas estavam a falar acerca de praxe, há pessoas que foram violadas sexualmente, que foram abusadas não sexualmente, mas alguém aproveitou-se da pessoa por ser um aluno novo na universidade e vai querer escravizá-la [ a pessoa] para a poder integrar no grupo que tem a sua política e a sua ideologia. As praxes é conjunto dos grupos que lá estão, embora podemos dizer em termos de geração dos alunos, que são os alunos que têm um pequeno grupinho, eu tenho grupos de meus amigos, e cada um tem um grupo de seus amigos, eu tenho um grupo de meus amigos e tenho de me integrar num grupo que já estava formado, conhecemo-nos uns aos outros porque já estavam na universidade à algum tempo e conhecem-se uns aos outros e é um grupo, ou então, se eu quiser fazer parte desse grupo eu tenho que fazer o quê? Tenho de aceitar a ideologia desse grupo. Às vezes a ideologia desse grupo não tem nada a ver com o que eu vivi, ... não tem nada a ver com a minha integração, porque eu estou a integrar, mas integrar no sentido errado, integrar num grupo que me veio tirar da universidade. Eu não posso misturar nada, eu não posso ficar 5, 7 anos por ordem de um grupo, porque eu nunca consigo distinguir ... desses pequenos grupos, e a pessoa se tem [dificuldades] em termos de capacidade intelectual ou, se tem pouco tempo para estudar e precisava de mais tranquilidade para estudar não vai conseguir com esse grupo, [mas]

no dia eu quiser desistir desse grupo eu vou melhorar porque eu já estou a violar o principio do grupo e a ideologia do grupo é por isso que os outros entram às vezes em fumar, para tentar ver isso como é que é, e esses grupos o que é que fazem em momento de praxe. Aproveitam sempre isso, [alunos praxados que vivem sozinhos e até os outros que vieram há anos para cá e que não têm família, não têm ninguém], submetem-se a todas as coisas para se puderem integrar num grupo e acabam sempre mal, ou às vezes acabam por ser aproveitarem deles, por isso quando me pediram para ser praxado eu disse que não, porque vejo uma parte negativa na praxe e parece-me que esta parte tem mais influência que a própria integração, porque se a praxe tiver mais integração, ao contrário da praxe que vi à uns anos atrás... aqui nas praxes o todo o mundo faz tudo e, se eu disser que não, se [eu disser que] é para pintar cara, fazer outras coisas assim, para brincar tudo bem, agora se é além disso não, até porque o que eu vi fazer [nas]praxes ia contra a minha própria fé, que está por mim e também está contra mim, então as palavras bíblicas? Eu não quero quebrar isso.

V – Também está na tua génese e na tua formação religiosa não aceitar as praxes?

E1 – Poderia ser para pintar a cara ou outra coisa assim que não tem nada, que seja divertir-nos falarmos de outras coisas, que seja para que destas coisas boas.

V – Não concordas em ridicularizar as pessoas?

E1 – Isso aí já não concordo, estamos a aproveitar e se calhar até a tirar a pessoa do seu objetivo... e outra coisa assim, só que a menina não assiste à aula e ele quer levar a menina para todo o lado, leva a menina para Lisboa e a menina acabava por parecer que estava a desistir, eu fiquei chateado e disse assim, olha vou dizer uma coisa, não procure amparo no lugar errado, porque a menina disse: eu não consigo ficar... porque não tenho apoio e eu nunca soube onde é o apoio, eu disse: mas tu está a apoiar-te aonde? Então tu não estás a ver o pilar onde estás encostada? está sujo e tu vais sair podre, tu estás a procurar a segurança aonde? Num monte de areia? Isso não faz sentido ... e quando assiste às aulas só faz coisas de criança, afinal como é? Se tu quiseres dar certo é melhor desistires desse rapaz, fica na sua solidão, resolve o seu problema, mas se tu continuares com esse rapaz não vai dar certo, não é que voltou! A minha outra amiga que era colega e morava junto desistiu logo e disse: é esse o teu conselho, à partir de hoje vou aplicar e acabar logo com essa palhaça porque não me deixam sequer

estudar nem estudam, ... como se fosse um nível de ... a outra terminou logo e foi morar sozinha e a outra voltou no primeiro período não tirou nem sequer uma disciplina e os rapazes como é? Os dois? Foram embora, tás a ver deixaram as mossas sozinhas, que tipo de integração é esta, pegaram nas meninas, tiraram do grupo, tiraram dos colegas e não tinham minimamente o objetivo de vir à universidade tirar o diploma, porque eles vieram cá para arranjar namoradas e arranjar grupos para melhor se divertir e organizar as festas digamos assim, é só isso, um dos rapazes que era organizador de almoços e jantares da turma até parece que o objetivo deles é exatamente isso, divertir-se.

V – Achas que existem alunos que se aproveitam das praxes?

E1 – Sim, na praxe eu vejo a ideologia de grupo desses delinquentes, na praxe eles conseguem mesmo aproveitar-se e fazer tudo o que tinham de fazer, das suas vontades, porque eles sabem que não podem fazer noutra situação, porque os policiais vão intervir ou a pessoa vai não deixar, mas ali não, só pensam em outras brincadeiras e acabam sempre mal.

V – São por acaso como ditadores?

E1 – Sim, põem a pessoa frágil e para [esta se] integrar tem que aceitar a ideologia desse grupo, tem que aceitar e se tu não fores daquele grupo és visto como se fosses um inimigo, como uma influência porque são líderes informados, conseguem mover massas e depois trocam os lados deles e tu fica como?... Se não for uma pessoa forte moralmente, uma pessoa que sabe que está focalizada no seu objetivo vai acabar mal... têm quase a minha idade e me diz assim: Você não se sente isolado na turma? Porque ele tentou uma vez ir a uma festa com eles só que isso deu mal, porque os rapazes estiveram a fazer só maluquices e eu no meio deles com cabelo branco saio de lá envergonhado, saio de lá quase embaraçado... você tinha razão, quando disse: esses rapazes não são maus o problema é o tempo deles, e você ... mas não pode estar naquele lugar, porque está no lugar errado. É como um pai que vê os filhos a fazer dessas coisas e tu não os podes contrariar porque te vão ver como um ridículo e vais ter que compactuar, como é que vais sair? Eu aceito pagar a conta do bar, mas eu não vou lá é só pra mostrar que eu estou solidário, eu não posso estar lá porque eu sei o que é que eles fazem ... se não tens dinheiro eu pago, a questão não é dinheiro é o que é que vocês fazem na festa e ele me diz assim é verdade, mas eu tenho idade mais de

suficiente para ser vossos pais eu não posso estar no meio dessas coisas que vocês fazem, e ele diz é verdade e eu tirei o dinheiro posso contribuir mas como vocês querem não, eu não vou.

V – No fundo tu acabas por não ser anti praxes desde que as praxes sejam integradoras?

E1 – Noutras situações, só uma coisa faz praxe antes era um ritual de que todo o mundo gostava de fazer parte, mas hoje quando um pai houve de um filho ou filha que vai ser praxado, ele fica com um horror, porque tanta coisa já aconteceu, não só em Portugal mas no mundo onde se faz a praxe. Tanta coisa já aconteceu e quando se vai a ver, por vezes, não são praxes, é para se aproveitar e fazer o que não pode fazer, depois se desculparam com praxe, [e dizem] não! Nós estávamos só a brincar, só que descambou, descambou.

V – Entendes que devia ser algo que nunca poderia descambar? Ou deveria existir mais cuidado para determinadas situações não acontecerem?

E1 – ... Não se é escravo para aceitar ideologias que não existem ... a pessoa no seu próprio objetivo não vale a pena, as pessoas que são despidas, nuas, e as pessoas a tirar fotografias, não é somente os homens e as mulheres, como é que isto pode acontecer? Outros bêbados estão deitados e os colegas despiram-nos e nem sabem comos despiram não pode ser, tanta maluquice que não tem nada a ver com integração, a pessoa sai dali já traumatizada... mas quem vai com esse objetivo [de praxar] a primeira coisa que ele vai criar é um núcleo, núcleo de pessoas fortes com essa ideologia, e uma pessoa que vem [estudar na universidade] sempre quer ter uma família, e quem é essa família são os amigos e se essa família são os amigos mal-intencionados se, não fores uma pessoa forte vais acabar mal, mal mesmo.

V – Achas que as praxes deviam ser supervisionadas por entidades que a escola designasse? Isso seria importante José?

E1 – Eu acho que ... até os policiais podiam estar lá porque algumas brincadeiras ultrapassaram os limites ... é [era] só para fiscalizar ... só para ver como a brincadeira já está a ganhar outro contorno, porque até as bebidas que as pessoas bebem lá ninguém vai conseguir fiscalizar, mas isso tudo é difícil de perceber se essa pessoa já está de fora dele, já não controla, portanto tudo pode acontecer com essa pessoa, é melhor levar essa pessoa para um lugar mais seguro, para não estar aqui, porque se um

colega está a beber e eu já estou bêbado, eu já estou fora de controlo de mim mesmo, e aquele colega diz que está a descambar-se também, como é que eu fico porque tudo o que eles vão fazer naquele momento, acham tudo que é normal ... quando uma pessoa bebe já tá ultrapassado muito, fica empolgado, tudo pra ele é normal, não consegue saber se atingiu um limite ou se está fora do limite, tudo pra ele é como se nada de mal tivesse acontecido, nem aquela brincadeira pode causar estrago, poderia haver alguém a fiscalizar isso embora não vá ser assim tão fácil, mas ao menos há problemas que podem ser minimizados, isso pode acontecer, [a policia] como vão estar lá vão monitorizar a brincadeira

V – Portanto, achas que a monitorização poderia servir para evitar este exagero?

E1 – ... Há muitas pessoas que não sabem o que é praxe,... como não sabem o que é dizem vamos ser praxados e vão mesmo para serem praxados mas ninguém vive ... o que é praxe? Eu acho que antes de esse evento de praxe começar deveria haver uma pelo menos uma sala de conferências aqui, para explicar o que é praxe para enquadrar as pessoas, o que é praxe, como é que isso nasceu e que importância é que isso tem para as pessoas que vão ser praxadas, para as pessoas ficarem a saber praxe não vai além disso aí e quando for além daquilo assim já não é praxe. A sua importância é assim, funciona assim e isso vai dar certo porque a pessoa vai entender que é verdade, que nem todo o mundo precisa fazer esse ritual pra ficar na história, porque às vezes as pessoas encaram essa brincadeira e depois deixam descambar para o lado negativo, ... de ser praxado.... Porque há pessoas que não conseguem nem formar uma ideia do que é praxe, porque se dissesse a uma pessoa agora o que é praxe e o que é que se faz na praxe, vai-te dizer coisas ruins que vais ficar mesmo assim, então afinal isso é que é praxe, porque vai começar a contar coisas boas e o que é que ele vai contar, ... pode ser sempre mais coisas do que coisas boa, então a mente da pessoa não conhece a história de praxe,... faz o que quiser, pode fazer até um certo limite e ir além disso porque a pessoa diz: vou ser praxado e acabou, não sabe o que é que é isso e como é que funciona.

V – Para ti, a praxe acaba por ser um livro em branco onde tudo se pode escrever sem haver controlo?

E1 – Exatamente, agora para mim estou a sentir [a praxe] em sentido figurado, e não no sentido de integração, para mim se alguém me disser que praxe é para

integração, eu vou perguntar: nos tempos que já lá vão eu posso dizer sim, mas agora não, praxe já não tem este sentido de integração, tem este sentido ruim muito mais pior do que... praxe agora não é isso, praxe agora é... e as pessoas que entram nessa brincadeira de praxe fazem coisas que não têm nada a ver com isso, praxe se alguém agora me diz que é para integração, eu digo entre aspas, não vou aceitar até posso negar mais do que 60% e deixar a pessoa ficar com 40% de integração.

V – Entendes que a praxe não faz integração e pode até gerar mais exclusão?

E1 – Excluir, no sentido, não será bem exclusão, a pessoa acaba sempre por ficar integrada, mas não se verifica uma integração plena, vai deixar sempre sequelas na vida da pessoa, porque passou por uma série de humilhações, tudo o que se passou lá vai ser comentado para sempre porque não há nada agora que não passe na *internet*.

V – Receias que a *internet* seja perigosa para estas situações?

E1 – Parece que os jovens não têm ideia disso, pegam numa fotografia e não se importam se estão a estragar a vida de alguém ... veem, partilham e comentam e isso é uma brincadeira de bom gosto para eles, ... eu vi tantos comentários de praxe que fiquei a ter noção no final que ... se tivessem coisas boas as pessoas não comentavam coisas boas, todas as pessoas que tiveram lá comigo fizeram comentaram mais negativos que realmente coisas boas, então praxe é o quê? Eu perguntei para os rapazes, afinal praxe é o quê? Porque o conceito de praxe não é isso que vocês me disseram, aqui não tem nada a ver com essa palavra, a visão que vocês me deram de praxe é uma coisa negativa.

V – Como é que consegues ultrapassar os teus problemas?

E1 – Até é engraçado falar disso, uma vez tive um colega que disse... e eu fico a rir se vocês passassem pelo menos 50% do que eu passei até chegar cá... para mim não há crise, ... essa [crise] transitória que eu estava a decidir para mim era uma preparação. Para mim não há crise porque no mundo em que eu vivo, vivo a vida como se fosse uma ... pra mim já passei por isso, portanto agora é só viver. Há pessoas que perguntam: então com essa idade e sem trabalho, como é que tu pensas em aventurar-te? Eu disse: isto aqui não é aventura, isto aqui é sonho, uma aventura é quando não sei o que vai acontecer, eu sei que lá [na Guiné] fixei isso na minha cabeça....

Meu pai sempre me disse, tu tens que saber... isso é base na vida, quem sabe disso resolve o seu problema, quando estás triste vais ver aqui ao lado pessoas felizes ... e vais ver pessoas piores que tu, não andas sozinho nessa luta, se não tens de comer... e

não comeste só de manhã, se ela não se desanimou e continua a lutar, então vale a pena lutar, você tem que ir até ao fim, não pode desistir... a gente dá um passo e Deus faz alguém aparecer no teu caminho.

V – Obrigado José por esta entrevista.

E1 – Obrigado, para mim é uma oportunidade ... para mim é uma oportunidade e posso fazer o papel de muitas pessoas, de quase todos os africanos porque nós sabemos que a nossa realidade não é fácil, quando se fala dos outros continentes talvez... agora quando se fala de África para cá não tem nada de fácil ali é tudo complicado, quem sabe um dia... [talvez melhore].

## Entrevistas a Abílio

### Transcrição da primeira entrevista

#### Histórias de vida

|        |      |            |        |          |
|--------|------|------------|--------|----------|
| Abílio | Faro | 12-05-2015 | 16:20h | 00:24:58 |
|--------|------|------------|--------|----------|

V – Boa tarde Abílio, quantos anos tens?

E2 - Tenho 22 anos, sou angolano.

V – Ao nível do teu percurso escolar em Angola, vivias em Luanda?

E2 – Sempre vivi em Luanda. E quanto ao meu percurso escolar foi sempre fácil, tive sucesso na escola e fui alternando entre estar numa escola pública e estar num colégio privado, e digo fácil em ambos os sentidos, fácil na facilidade que eu tive de escolher entre estudar na escola pública e na escola privada e fácil também na renovação dos professores, porque fui sempre encontrando facilidade, lá o ensino não era rígido, em Angola muitas vezes o ensino funciona com bases em cunhas, tipo, se tu tens uma família influente lá em Angola, tu não precisas de estar aí a assistir às aulas, tu podes faltar as aulas e quando chegar o final do ano vais ter uma nota para passar, nem que for com dez, mas vais passar e no ensino privado pior ainda no ensino privado, como vais pagar, os teus pais vão pagar o dinheiro, então praticamente é obrigação dos professores ou dos diretores passarem ainda que um professor veja a necessidade de te reprovar, o próprio diretor da escola é que vai ir contra ao professor, então sempre tive essa facilidade. O meu pai antes era imigrante, também foi imigrante cá [em Portugal], antes de vir pra cá foi professor ocupou o cargo de diretor numa escola lá então eu sempre tive aquela facilidade, eu lembro-me que até o meu irmão, ou meu irmão já reprovou três vezes, reprovou três vezes e os professores às vezes epá, o teu filho vai passar mas a minha mãe é que é de lá dizia: não, ele não sabe isto, não sabe aquilo, tem de reprovar....

V – É uma pessoa exigente a tua mãe?

E2 – Sim, ela é exigente e eu digo mesmo eu só comecei a estudar no nono ano, que no nono ano eu reprovei uma vez e então a partir daí é que eu comecei a estudar, agora do nono ano para lá eu não estudei, passei na escola por causa dessa facilidade.

V – E sentes que essa formação que tiveste até ao nono ano afeta-te agora ao nível do ensino superior?

E2 – Afeta, afeta principalmente ao nível da matemática.

V – Achas que tens falta de bases?

E2 – Tenho falta de base na matemática por causa disso.

V – Portanto, pelo que depreendo, sempre tiveste um aproveitamento bom na escola?

E2 – Sim, até ao quarto ano eu via que estudava mas, do quarto ano até ao nono ano eu deixei de estudar, praticamente eu nem ia às aulas e no final do ano passava.

V – Tu acabastes os estudos lá?

E2 – Não, não, fiz lá o nono ano, depois vim pra cá fazer o décimo, o décimo-primeiro e o décimo-segundo ano.

V – Viestes acabar os estudos em Portugal? Fizeste todo o ensino secundário aqui?

E2 – Secundário, fiz tudo cá.

V – Fizeste tudo já cá, porque tinhas aqui família ou não?

E2 – O meu pai viveu cá muito tempo (neste momento já regressou para Angola mas tem uma casa cá) então, quando ele nos trouxe para cá, (eu e o meu irmão) ele viveu connosco quatro meses para mostrar a casa e as coisas como são cá em Portugal.

V – Tiveste um choque inicial? Ou o facto de teres o teu pai em Portugal deu-te alguma estabilidade e segurança inicialmente?

E2 – Deu-me sempre estabilidade.

V – Esta iniciativa de estudar em Portugal, foi tua ou foi do teu pai?

E2 – Foi do meu pai.

V – O teu pai é que decidiu?

E2 – Sim, sim, [o meu pai] conhecia o ensino lá, ele conhecia as dificuldades que o ensino em Angola apresenta então, foi praticamente uma obrigação eu vir para cá estudar, então praticamente foi uma obrigação eu vir para cá estudar.

V – Atualmente, o teu pai reside em Portugal?

E2 – Não, está em Angola.

V – Quanto tempo é que o teu pai cá residiu?

E2 – O meu pai viveu cá dezanove anos.

V – E tu há quanto tempo cá estás?

E2 – Eu estou cá há quatro anos, faço quatro anos.

V – Qual é o curso que estás a tirar?

E2 – Estou a fazer Gestão de Empresas.

V – Estás em que ano?

E2 – No segundo ano de Gestão de Empresas.

V – Assim sendo já que estás no segundo ano gostaria de saber se esta Universidade foi a tua primeira escolha para estudar, dado que tu dizes que o teu pai tinha uma casa, onde é que o teu pai tinha a casa?

E2 – Em Lisboa. Eu venho de Lisboa... o meu irmão saiu de casa do meu pai porque arranhou a sua família e agora ele está [novamente] na casa do meu pai, então eu vivia na casa do meu pai com toda a gente lá dentro de casa, não tinha sossego, então eu escolhi o Algarve para me afastar do seio familiar, eu também gostava do curso que me chamava a atenção, mas também para encontrar paz.

V – Este curso foi a tua primeira opção? Foste tu que escolheste ou foste influenciado?

E2 – Foi a minha primeira opção na UAlg mas a minha opção número um era fazer Direito ou Medicina só que eu não tinha nota para isso, porque Direito e Medicina as médias são muito altas, então optei por fazer Gestão de Empresas

V – Tu já tinhas informação sobre a UAlg, sobre os cursos, ou como é que tiveste conhecimento da Universidade do Algarve?

E2 – Já sabia isso tudo, a partir do secundário, tivemos sempre uma assistente social ou psicóloga que de vez em quando dava uma palestra sobre os cursos que oferecem em certas faculdades, e foi a partir de lá que eu conheci a Universidade do Algarve.

V – Quando te inscreveste na Universidade do Algarve sentiste algumas dificuldades burocráticas?

E2 – [Atendimento na UAlg] Aqui tudo é feito através da *internet*, portanto temos o código que nos dão, que o Ministério da Educação dá, foi com aquele código que eu fiz tudo, não tem que se aceder a nenhum documento, nem papel nem nada, foi tudo feito através da *internet*, depois durante o primeiro ano sempre tive facilidades quando precisei, sempre fui bem atendido pela secretaria, qualquer papel não havia problema.

V – Achas que o teu ingresso na Universidade do Algarve não passou por um processo burocrático complicado, não houve falta de esclarecimento?

E2 – Não, mas quando eu vim foi uma diferença abismal, porque pra mim lá em Angola, quando uma pessoa termina o secundário, termina o liceu, anda lá a correr atrás das papeladas. Aqui não. Aqui através de uma senha de *internet*, tu fazes tudo, então eu não tratei nada.

V – Como já estás no segundo ano, tens sentido dificuldades de relacionamento com os colegas?

E2 – Com os colegas, a nível de relacionamento varia..., não sei mas,... quando as pessoas dizem que em Portugal as pessoas são muito fechadas, no meu caso não vi isso, porque lá em Angola andei em várias escolas e quando tu és um aluno novo em Angola praticamente estás excluído. Ficas aí no teu canto. Epá eles não vão ter contigo. Já cá em Portugal não vi isso. Eu cheguei tímido e foram-me buscar, os colegas e os professores, para me integrarem na turma. No secundário aconteceu a mesma coisa e na Universidade ajudaram bastante porque eu fui praxado.

V – Existem outros colegas dos PALOP a frequentar a UAlg?

E2 – Existem dois, existe a Manuela e o Zé.

V – O teu relacionamento com eles é igual aos restantes colegas da turma? Ou há algum privilégio pelo facto de serem dos PALOP?

E2 – Há, há, aqueles não são meus amigos, são meus irmãos. Temos uma relação de família.

V – Existe uma maior afinidade?

E2 – Sim, há uma maior afinidade.

V – Nunca te sentiste rejeitado, desmotivado ou de alguma forma discriminado pela tua nacionalidade?

E2 – É pá, isso de discriminado acho que começa connosco mesmo, é que muitas das vezes, só a língua portuguesa é uma barreira para nós.

V – A questão da língua?

E2 – Sim, a questão da língua, muitas das vezes não vamos falar com as pessoas por medo de que vamos ser gozados, criamos uma ideia, como não sabemos falar bem, então ficamos com aquilo com que nós mesmos pensamos, nós próprios é que nos excluimos, às vezes não é a própria sociedade que nos exclui, nós conhecemos os PALOP, temos dificuldade na língua portuguesa, então nos excluimos.

V – Relativamente aos professores também nunca te sentiste excluído?

E2 – Os professores foram cinco estrelas... porque comigo nunca foi fácil, porque eu andei em várias escolas em Angola, era aquele tipo de aluno que chegava, é pá, o professor entra eu entro, sento-me, não falo com ninguém, quando o professor saísse, que era o intervalo eu lá estava a orar para que o professor voltasse para eu não ter que falar na turma com os colegas, era muito tímido não falava praticamente com ninguém, já aqui foi ao contrário, aqui eu quis excluir-me, mas eles [os colegas] não deixaram.

V – Os colegas é que te integraram e não te deixaram sozinho?

E2 – Principalmente as professoras, é pá durante uma semana as pessoas praticamente já falavam, já chamavam pelo nome, é algo que em África não sei, se percebe por causa da estrutura da turma, lá as turmas em África, em Angola são bastante grandes, é uma turma num ano é capaz de ter setenta alunos, então isso não facilita a relação entre o professor e o aluno, também praticamente se o professor conhece o teu nome por vezes é um privilégio, já cá não, cá o professor desde bem cedo trata pelo nome, pergunta como vai, se vais bem com as coisas, se tens dificuldade nisto, se tens dificuldade naquilo, é cinco estrelas.

V – Achas que na relação professor aluno não é preciso alterar nada?

E2 – Se formos olhar esta relação entre aluno e professor surge as faltas de respeito, é que nós lá em África temos medo de falar com os professores, nós não

podemos optar, aquilo que o professor diz é um decreto, é assim e tem de ser assim, já aqui não, aqui o professor senta com o aluno e tenta chegar a um consenso com o aluno, o professor opina e vamos chegar a um consenso, em África não, aqui está muito avançado em relação a África, aqui há faltas de respeito mas, há também uma proximidade total, eu vi que o tratamento aluno professor é personalizado, o professor conhece bem as dificuldades de cada aluno, enquanto em África não, em África conhece a dificuldade da turma inteira não de cada aluno, então aqui nesse processo estão bem avançado.

V – Quanto aos trabalhos de grupo tens tido problemas?

E2 – É pá, no secundário não tive, mas cá na faculdade tenho tido.

V – Mas a que nível Abílio?

E2 – Isso é como tudo, se tiver um amigo ao lado, por exemplo, se me perguntarem se prefiro trabalhar com a Manuela ou com o Isaac, eu vou optar por trabalhar com Isaac porque estou mais familiarizado, conhecemo-nos bem então opto sempre por trabalhar com ele, o mesmo acontece do outro lado, vêm trabalhar com uma pessoa desconhecida, somos colegas mas eles são mais próximos, então opto sempre por trabalhar com a pessoa que está mais próxima, então muitas vezes é isso que faz a diferença.

V – Mas é algo que advém da tua escolha? Ou são os colegas que te excluem?

E2 – Não, há preferências, eu também tenho as minhas preferências assim como eles teriam a deles.

V – Quanto aos hábitos de estudo, costumás estudar sozinho ou costumás estudar com outros colegas?

E2 – Vou sempre alternando, às vezes estudo com os colegas da turma, às vezes estudo sozinho, às vezes estudo na residência, às vezes estou cá na biblioteca, vou alternando.

V – Aos fins-de-semana, costumás conviver com os alunos da turma?

E2 – Eles convidam-me sempre, mas, eu procuro afastar-me desse tipo de ambiente porque, não tenho nada contra, só não gosto mesmo, eu posso sair daqui bem preparado pra ir pra um convívio mas quando chego lá, já quero voltar pra casa então, muitas vezes, prefiro não sair de casa para não atrapalhar. Não sou pessoa de ambientes,

até porque nas discotecas tem o cheiro a cigarro que é algo que em África não estamos completamente acostumados com isso, praticamente lá em África deves perguntar quem de vocês fuma, aqui não, aqui é quem de vocês não fuma porque quase toda a pessoa fuma, então chegamos na discoteca que é um recinto muito fechado, tem lá aquela fumaça toda, é insuportável, é insuportável.

V – Na tua relação institucional com a Universidade, passaste por algumas dificuldades?

E2 – Eu não tive problemas, mas alguns colegas [tiveram]. O José, que não tem grandes possibilidades, grandes rendimentos e não têm grandes ajudas da Universidade e isso dificulta a integração, devia haver mais apoio para estes alunos.

V – Obrigado Abílio, até uma próxima entrevista.

### **Transcrição da segunda entrevista a Abílio**

#### **Histórias de vida**

|        |      |            |        |          |
|--------|------|------------|--------|----------|
| Abílio | Faro | 14-06-2015 | 18:20h | 00:21:12 |
|--------|------|------------|--------|----------|

V – Boa tarde Abílio, no teu entender, quais os maiores entraves à integração dos alunos dos PALOP na UAAlg?

E2 – Nunca senti, sempre tive facilidades nas coisas, então não consigo responder, se há, ainda não senti.

V – E racismo, não tens sentido?

E2 – Não. Eu sinto isso tudo, é da embaixada.

V – Só tens a nacionalidade angolana?

E2 – Sim, tenho cá a residência de cinco anos.

V – Nunca pensaste pedir a nacionalidade portuguesa?

E2 – Eu vou pedir quando chegar aos 5 anos.

V – Tens conhecimento dos serviços que prestam apoio social na UAAlg aos alunos dos PALOP mais carenciados?

E2 – Eu conheço as instituições mas vejo que elas [as instituições] estão afastadas dos alunos, têm de ir à procura, e por vezes sabes como é, muitos alunos têm dificuldades com a língua e têm vergonha de se dirigir lá e acabam por viver com dificuldades.

V – Tiveste problemas quando pretendeste usufruir de algum apoio destas instituições?

E2 – Pessoalmente não tive problemas, vivo na residência universitária. Sempre tive o apoio para residir aqui na Universidade, mas as regras são muito apertadas e existem colegas africanos que têm dificuldades e não conseguem só porque não têm bolsa.

V – Gostaria que referisses outros obstáculos encontrados na tua integração ou na de colegas dos PALOP a frequentar a UAAlg?

E2 – Muitas vezes, só a língua portuguesa é uma barreira para nós e depois isto vai influenciar as notas.

V – Achas que uma maior interação entre alunos de diferentes nacionalidades ajudaria a ultrapassar os obstáculos?

E2 – A interculturalidade é muito importante para ultrapassar barreiras e conhecer as dificuldades dos outros colegas. Todos temos problemas. Conhecendo os problemas dos outros, sabes como é que eles os resolvem, sabias como fazer.

V – Durante todo o teu percurso académico sentiste falta de algum apoio que queiras relatar?

E2 – Não, mas na embaixada portuguesa em Angola, aí sim é que os portugueses são rígidos demais. Agora já cá, não consigo ver nada que leve a crer o racismo, mas por acaso tive um episódio desses, quando vim para cá eu já tinha Autorização de Residência, então eles estavam a negar-me o número de saúde, cá pedem o número de saúde, dizem que são estudantes e depois ficam só a receber o abono da segurança social, ficam a receber abono e nem sequer frequentam a escola e quando eu já tinha a residência e o meu pai trabalhou aqui muito tempo até ainda paga a segurança social por causa de certas coisas que aconteceram e não quiseram dar o número de saúde, precisamente por pensarem que eu era filho de um imigrante e o meu pai tem a nacionalidade portuguesa.

V – E consideras que a praxe é um processo integrador benéfico?

E2 – Foi muito benéfico porque depois de um mês, três semanas, nós nos sentíamos praticamente como uma família na turma. A turma era uma família. Até que quando dividiram a turma, epá, ficamos tristes, porque já estávamos tão familiarizados uns aos outros que.... As praxes para mim serviram de processo de integração.

V – Sentiste dificuldades em te integrares na Universidade do Algarve?

E2 – Como já te disse, eu vejo a língua portuguesa como uma barreira, não falo por mim, mas conheço colegas estrangeiros que têm dificuldade em escrever como um português. Falo com eles e sei o que sentem. Outra coisa que vi foi o apoio social, este devia vir mais ao encontro das pessoas. Não digo que não exista, sabes, mas as pessoas desconhecem, ou têm vergonha de pedir, não sei.

V – Quais as alterações que consideras necessárias para uma melhor integração dos alunos estrangeiros?

E2 – Devia haver uma sala onde te dirigisses e pudesses aí tratar de tudo, para facilitar a informação aos estudantes.

V – Achas que essa sala de apoio aos estudantes estrangeiros na UAlg facilitaria a sua integração e possibilitaria uma maior aproximação entre Instituições?

E2 – Também existem dificuldades para ter acesso a coisas de fora da Universidade como a Embaixada, o SEF, a Câmara e outros e até cá dentro se estivessem mais próximas tudo concentrado facilitava mais, essas instituições mandavam uma pessoa dos seus serviços, uma ou duas vezes por mês para esclarecer e ajudar o estudante, já era bom.

V – Achas que uma formação superior tirada em Portugal é uma mais valia para conseguir emprego qualificado no teu país?

E2 – No meu caso, a minha família deu tanta importância a eu estudar no estrangeiro. Fiz aqui desde o nono até ao décimo segundo e agora continuo aqui na Universidade. Lá em Angola um curso tirado em Portugal tem sempre muito valor para arranjar trabalho. É sempre diferente.

V – Quanto ao futuro, pensas continuar a estudar em Portugal ou no estrangeiro?

E2 – Quando chegas é sempre difícil: novos amigos, a língua, um ensino mais difícil, mas depois reconheces como isso é importante. Eu ainda gostava de estudar fora de Portugal depois de acabar a licenciatura, evoluí muito [por] estudar aqui, penso que ainda posso evoluir mais se estudar no estrangeiro.

V – Agradeço a tua disponibilidade, muito obrigado por tudo.

## Entrevistas a Clara

### Transcrição da primeira entrevista

#### Histórias de vida

|       |      |            |        |          |
|-------|------|------------|--------|----------|
| Clara | Faro | 12-05-2015 | 21:41h | 00:47:22 |
|-------|------|------------|--------|----------|

V – Boa noite, Clara.

E3 – Boa noite Vítor.

V – Agradeço a tua disponibilidade e, antes de mais, gostava de saber Clara, quantos anos tens e qual a tua nacionalidade?

E3 – Chamo-me Clar... até me tratam por Clara, tenho 29 anos e sou cabo-verdiana, em Cabo Verde vivia no interior. A ilha é Santiago, numa zona chamada Pedrabadejo, que é na cidade de Santa Cruz exatamente. Esta vive muito à base da agricultura e da pesca, tudo muito humilde.

V – A quantos quilómetros vives da capital?

E3 – Isso não sei medir muito bem os quilómetros, mas posso-te dizer que demora mais ou menos 45 minutos de carro, é tipo Faro a Albufeira.

V – Tudo é muito perto?

E3 – Exato, se não for as más condições da estrada seria relativamente muito perto, sim.

V – Gostaria de saber o teu percurso escolar antes de teres entrado para a universidade?

E3 – Foi muito muito difícil, porque eu vim de uma família muito humilde, somos 9 irmãos, deve imaginar que não é fácil para os pais no início da vida nos por todos a estudar, eu tive mais sorte que os meus irmão porque tinha os meus padrinhos que me batizaram, tinham mais condições e me ajudaram e eu passava muito tempo na casa deles e dos meus manos, trato por manos os filhos dos meus padrinhos, portanto eram professores, trabalhavam na Câmara [Municipal] e davam-me mais incentivos para os estudos. Estudei na minha cidade, propriamente na Escola Secundária de Santa Cruz até ao oitavo ano. Quando transitei do oitavo ano pro nono ano abriu uma Escola

Técnica na cidade da Assomada, que se falava em cursos técnicos, então pedi aos meus pais para ir para esta escola, só que tinha que ficar num colégio interno, então tinha de pagar uma mensalidade que ainda era um valor significativo lá, para aquilo que ganhamos, eram 800 escudos para o colégio interno e ainda tinha mais as propinas.

V – Para vocês era quase incomportável?

E3 – Sim, somente as famílias que tinham algumas posses é que os filhos podiam ir para esta escola, mas também tinha algum apoio social que o governo de Cabo Verde facilitava às famílias mais carenciadas, [só] que era muita burocracia para conseguir esta bolsa. Eu consegui entrar com o apoio dos meus padrinhos, dos meus pais, fui pra lá e passado um ano consegui uma bolsa de estudo e só pagava então a mensalidade do colégio interno 300 escudos, o que já era muito bom, foi ali que acabei o meu 12º ano, no ano de 2005, com muito esforço, com muita dificuldade. Só podia ir para casa de quinze em quinze dias, mas isto eram regras internas. Era difícil quando via os meus colegas com mais posses e os pais os iam buscar de carro próprio, particular, e eu mais alguns colegas tínhamos de esperar por transporte público até chegar a casa, e quando voltavam já tinham telemóvel novo ou uma roupinha nova e a gente levava sempre o mesmo. Então isso abalava um bocadinho, mas o que me alegrava era concentrar-me nos meus estudos e tirar umas boas notas, é isso é que me animava.

V – E sempre foste boa aluna?

E3 – Graças a deus, sempre fui uma aluna muito aplicada, eu fazia por isso, pela minha história de vida, tive sempre boas notas e fui muitas vezes chefe de turma, lá em Cabo Verde só se pode ser chefe de turma os exemplares, os alunos que tiravam melhores notas, só esses são candidatos a chefe de turma e eu fui chefe de turma 3 anos consecutivos, foi 7º, 8º e depois 9º quando passei para a Assomada, para a Escola Técnica.

V – Dos teus irmãos ou dos filhos dos teus padrinhos, há algum que já estudou no estrangeiro?

E3 – Os filhos dos meus padrinhos sempre estudaram fora, o filho mais velho estudou nos Estados Unidos e a filha e o filho mais novo estudaram cá em Portugal, e ainda tiveram outros filhos que emigraram para Itália e para a França em procura de melhores condições de vida e na maioria por motivos de estudos.

V – O facto de teres familiares e pessoas amigas que estudaram no estrangeiro influenciou na decisão de estudares em Portugal?

E3 – Sim, isso me influenciou porque, como posso dizer, desde menina que sou muito, agora falta-me a palavra em português para explicar, foram os meus familiares que me influenciaram e também por motivo de orgulho.

V – Sempre tiveste a ambição?

E3 – Era esta palavra mesmo que me estava a faltar eu sempre fui uma pessoa muito ambiciosa, sempre tive uma visão além fronteira.

V – Cabo Verde era limitado para os teus sonhos, para as tuas ambições?

E3 – Exatamente.

V – Estudar no estrangeiro é algo que já vinha do teu ambiente familiar?

E3 – Do ambiente familiar e de amigos, é isso, isto ajudou-me muito a decidir estudar no estrangeiro.

V – Os teus pais sempre te incentivaram a realizar os teus novos sonhos?

E3 – Isto foi uma luta, foi uma luta e posso assim dizer que foi uma briga entre o meu pai e a minha mãe, o meu pai queria que a gente acabasse o 12º ano e entrar logo no mercado de trabalho, quando a gente tivesse os 18 anos mesmo que não acabasse, lá muito mais novo se começa a estudar, a trabalhar queria eu dizer, a partir dos 15, 16 anos começa-se a trabalhar, o meu pai queria que a gente terminasse o 10º ano, 12º ano, queria que a gente fosse trabalhar, e fazer a vida, que ele fez a vida muito cedo, ele começou exactamente a fazer família e a construir casa, a adquirir os seus bens materiais e humanos, podemos assim dizer a sua “reprodução”, mas a minha mãe não tinha a mesma ideia que o meu pai, a minha mãe sempre queria que a gente entrasse na faculdade que fizéssemos um curso superior, que seguíssemos o que gostávamos e vir a ter uma vida melhor, vir a ter melhores condições de vida do que ela, do que eles, mais do que o meu pai foi mais uma luta dela.

V – Falas aí numa diferença de opinião, entre o teu pai e a tua mãe?

E3 – Exatamente!

V – Há alguma diferença a nível de estudos entre o pai e a mãe? A mãe tem alguma formação superior para já ter essa visão? Ou isto é natural da mãe?

E3 – É assim, a minha mãe é muito mais nova do que o meu pai, uma diferença de 10 anos, mais ou menos isso e o meu pai estudou até o 5º ano, fez a 4ª classe e fez o 5º ano e não continuou os estudos, a minha mãe fez o 7º ano antigo, que é a 6ª classe diziam na altura e passava para o 7º, mas depois ela casou, ela casou aos 17 anos e ela queria continuar os estudos depois de casar, mas não, o meu pai não concordou. E depois ela aos dezanove anos engravidou da minha irmã mais velha e então não continuou os estudos, ela sempre ficou com um sonho, queria realizar e que não conseguiu realizar e que ia passar para os filhos, para nós esse ensinamento, então, por isso, ela sempre deu muito mais valor à escola, aos estudos do que o meu pai.

V – Sempre sentiste muito mais apoiada pela tua mãe, a esse nível?

E3 – Sim, Sim, ela sempre lutou, ela lutou que eu fosse da minha cidade e que eu entrasse num colégio interno. Trabalhavam os dois e os dois juntaram os trapinhos deles mas ela sempre se notou, eu senti muito isso, até hoje ela valoriza muito os estudos e quem está na escola, admira-se de quem não dá valor aos estudos, as mães os pais.

V – Quando fizeste a opção de estudar em Portugal tinhas amigos ou familiares a residir em Portugal?

E3 – Tenho, é assim, mesmo que não tivesse cá ninguém, eu estava decidida a estudar no estrangeiro, ou eu vinha cá estudar para Portugal ou eu ia para o Brasil porque são os dois países que falam português, então eu tinha mais facilidade na integração. Sempre tive essa ideia mas depois tive essa sorte de ter a minha irmã mais velha que já vivia cá há algum tempo e o meu irmão mais velho que veio estudar por conta própria, mas não conseguiu terminar por falta de meios financeiros para acabar os estudos, então teve que deixar o curso no último ano e trabalhar, começou a formar família e então...

V – Os estudos ficaram pelo caminho?

E3 – Ficaram pelo caminho, faltou fazer o estágio e concluir e ficou por aí, mas pronto, eu sempre tive apoio nesse sentido.

V – Não tiveste problemas, tinhas a família à espera?

E3 – Sim, sim, estava a minha irmã muito ansiosa também, sempre a perguntar se faltava alguma coisa se precisava de alguma coisa.

V – Ficaste alojada na casa dela inicialmente, ou ficaste num quarto?

E3 – Na primeira semana, quando cheguei a Portugal a minha irmã mais o meu irmão foram-me buscar ao aeroporto, eu fiquei só dois dias com a minha irmã, eu vim muito atrasada. Cheguei cá no mês de outubro, foi na 2ª fase, pelas dificuldades e burocracia que tive lá até conseguir o visto. Só fiquei de um dia para o outro com a minha irmã, só o tempo de arranjar roupa de frio, de arranjar alguma comida para levar e fazer as minhas coisas base em Lisboa, no outro dia fomos para Leiria, mas não conhecia lá ninguém foi muito difícil, eu queria voltar para Lisboa com a minha irmã mas ela não deixou, e foi horrível.

V – Falas-me em Leiria, quer dizer que o teu primeiro contacto com a universidade em Portugal não foi com a Universidade do Algarve?

E3 – Não, não, foi com o Instituto Politécnico de Leiria, propriamente fazer o curso na Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Leiria, que era *Marketing*.

V – Já tinhas informação sobre o curso de *Marketing* ou tiveste acesso a ela através de *internet*?

E3 – Vítor, eu na altura, *internet* não se falava muito lá em Cabo Verde, não havia nada dessas pesquisas milagrosas que existem hoje no mercado. Na *internet* nós só íamos ao *Messenger*. Só sabia enviar mensagens, receber mensagens, ligar o computador, escrever no *Word* e no *Excel*.

V – Não faziam mais nada no computador e como concorreste à faculdade?

E3 – Não. O processo de entrar na faculdade é muito diferente do que aqui. Em Cabo Verde vamos a uma instituição do governo cabo-verdiano onde são facultadas as vagas. Mas primeiro há uma fase inicial onde fazemos as inscrições e depois e depois dão-nos uma lista com as universidades e os cursos que há e a localização geográfica e nós escolhemos mais ou menos, essa escolha é muito influenciada pela zona onde se tem amigos, familiares ou conhecidos. Mas eu não fui por aí, queria ensinar, criar, eu queria ter a minha independência, precisava de crescer e achei que não seria bom estudar perto de familiares, porque aquela envolvência com familiares tem um ritmo de vida diferente, pensam diferente do que eu, sempre tive isso bem claro no meu plano, sempre ouvi falar que os estudantes cabo-verdianos ou outros estudantes não estudavam tanto em Lisboa como no Norte, que era mais as noites, que era mais as paródias, que era mais as saídas e influenciam em ganhar dinheiro, trabalhar pra ganhar o próprio

dinheiro o que influencia os estudos. Então eu não podia correr este risco e escolhi quanto mais longe melhor, escolhi Leiria, escolhi Trás-os-Montes só pra ter noção, escolhi Porto menos Lisboa.

V – Então essa escolha foi em Cabo Verde?

E3 – Sim, em Cabo Verde, e a minha primeira escolha foi Comunicação em *Marketing*, a segunda foi *Marketing* e a terceira foi *Marketing* e Publicidade e por último foi o teatro, que tenho muita paixão mas os meus professores não me deram boa opinião sobre teatro porque não tinha muita saída em Cabo Verde, porque eu vinha com ideia de terminar os meus estudos e regressar logo.

V – Nunca foi tua intenção ficares na Europa?

E3 – Não, porque nunca pensei em mestrado, nem sabia o que é que era um mestrado!

V – E relativamente ao mestrado, como vens parar ao Algarve?

E3 – Bom, isso é uma longa história, em 2010 terminei a minha licenciatura; regressei para Lisboa porque em Leiria já não tinha trabalho, já não estava a estudar, só estava a gastar e regressei para ao pé da minha irmã. Entretanto fui à procura de empregos. Primeiro o emprego, porque eu não tinha as mínimas condições para entrar num mestrado. Foi sempre o meu sonho continuar os estudos. A partir do segundo ano do curso, já sabia o que era um mestrado, já estava mais madura, já sabia o que é que queria e queria sempre mais e melhor. Então, arranjei um trabalho lá em Lisboa durante um mês e ganhei algum dinheiro, mas fui sempre à procura de melhor. Então fui à *internet* e arranjei um trabalho no Algarve. Vim para o Algarve para trabalhar, não vim pra estudar. Arranjei trabalho num hotel ligado à publicidade e *marketing*. Adorei logo a oportunidade. Isto foi em 2011, a partir de 2011 para 2012 tive informação da UAlg. Não conhecia a UAlg, sabia que existia a Universidade cá no Algarve, mas não tinha conhecimento nem na *internet*, a não ser a minha madrinha do curso que tirou o mestrado em Leiria com parceria com a UAlg. Eram os professores que iam à Universidade de Leiria lecionar. Então foi a partir daí, trocamos ideias e até que um dia a minha madrinha disse porque não vais inscrever-te no mestrado, e foi assim que em 2012 me inscrevi no mestrado.

V – Inscreveste-te em que mestrado?

E3 – Inscrevi-me no mestrado de *Marketing*, mas não era bem aquilo que eu queria, o que eu queria era Comunicação e *Marketing*, *Marketing* e Publicidade mas era a oferta que a UAlg fazia era *Marketing* mais direcionado para o turismo, então não tinha aquelas cadeiras que gostaria de ter, Publicidade e *Marketing*, Comunicação e *Marketing*, Design e Multimédia, esses atributos de comunicação, mas agarrei-me à oferta que havia de momento para não estar parada, para fazer alguma coisa, para continuar os estudos e não foi mau, não está a ser mau.

V – Falas-me muito em *Marketing*, qual foi a tua formação na licenciatura?

E3 – Foi *Marketing*, foi a minha segunda opção, a minha primeira opção era Comunicação em *Marketing*, como havia um curso em Cabo Verde de Publicidade e *Marketing* alertaram-me que se eu fosse candidatar-me aquela vaga, Publicidade e *Marketing*, eu não teria direito a bolsa de estudo porque o curso existia lá em Cabo Verde, mas eu queria, eu sempre acreditei que além-fronteiras as coisas fossem melhor que na minha terra.

V – Achas que o sistema de ensino na Europa é diferente do ensino em Cabo Verde em termos de qualidade?

E3 – É diferente porque aqui têm mais condições, por exemplo: equipamentos informáticos, lá em Cabo Verde não temos tantas salas de computadores como temos cá, e em termos mesmo de dimensão do país, vejo que cá temos professores que vêm de todos os cantos do país, então era uma oportunidade para evoluir, não quer dizer que eu subestime o ensino do meu país, também eu acho que o meu país tem um bom ensino, mas aquilo que eu procurava, que eu queria na Europa, ou em Portugal tem outras condições e outras opções.

V – Lembraste de alguma dificuldade que pudesses ter encontrado por parte dos serviços académicos da UAlg?

E3 – O processo de inscrição correu bem. Dirigi-me pessoalmente à faculdade e na secretaria do mestrado disponibilizaram-me toda a atenção, informaram-me que documentos seriam necessários para me inscrever. Reuni todas as condições e fiz a inscrição. Neste processo da inscrição correu tudo bem.

V – E como é a tua relação com os colegas da turma ou com outros colegas dos PALOP se eventualmente existem?

E3 – Pronto é assim antes de responder a esta pergunta, posso dizer que no início do mestrado tinha o alojamento em Albufeira e tinha as aulas à sexta-feira à noite, então não havia transporte público para regressar a Albufeira e eu não tenho transporte particular para regressar, nesse sentido senti que não tive total apoio da UAAlg porque fui lá pedir informação, se havia algum sítio pra ficar, algum apoio social que a universidade disponibilizasse para os estudantes que residiam fora.

V – Queres dizer fora do concelho de Faro?

E3 – Exatamente, exatamente, disseram-me que sim, que havia apoio social, mas não me disseram como é que eu fazia para conseguir ter esse apoio.

V – Tiveste alguma dificuldade a este nível?

E3 – Sim, alguma dificuldade, foi graças à simpatia das colegas é que isso se resolveu. Tive uma colega muito simpática que me disponibilizou apoio. Quando o autocarro chegava de Albufeira ia-me buscar ao terminal a Faro e levava-me com ela para a faculdade. Depois, para regressar a casa, não conseguia e tinha de dormir com ela até ao outro dia para poder regressar a Albufeira. Se não fosse assim, no início, eu podia até ter desistido por falta de apoio da universidade.

V – Esse apoio é de uma colega também dos PALOP?

E3 – Não é uma colega portuguesa, vivia em Faro e pronto, eu era a única aluna dos PALOP da minha turma.

V – O teu relacionamento com a turma foi bom? Ou alguma vez te sentiste rejeitada, estigmatizada pelo facto de seres cabo-verdiana?

E3 – Não, na minha turma de mestrado não notei isso, agora ao comparar com a minha integração durante a licenciatura foi totalmente diferente porque durante a licenciatura sofri alguma discriminação. Fui rejeitada e as pessoas olhavam-me de lado, não queriam fazer grupos comigo, notava-se e muito, no mestrado não notei isso, as pessoas eram mais maduras também, de uma forma geral tinham mais idade, mais experiência, pareciam pessoas viajadas e com outra mentalidade. Nesse aspeto, durante o mestrado eu era uma princesa na turma. As pessoas tratavam-me bem, chamavam-me de minha querida e brincávamos e, se precisasse de apoio, nunca senti falta dele.

V – Nunca tiveste problemas em fazeres parte de um grupo?

E3 – Nunca tive esse problema durante o mestrado.

V – Só referes esse problema durante a licenciatura?

E3 – Sim, só senti dificuldades durante a licenciatura, como era uma turma maior e a mentalidade não era igual, nós éramos ainda muito jovens e então, agora é que eu consigo ver isso, mas na altura eu não percebia e reagia com muita revolta.

V – Como gostas de estudar, costumavas estudar sozinha ou acompanhada com outros colegas?

E3 – É assim: se for para os exames é costume estudar sozinha. Numa primeira fase, quando surgissem as dúvidas propunha aos colegas para estudarmos juntos e tentar resolver o problema que enfrentava e eventualmente durante os estudos surgia mais problemas de ambas as partes.

V – Quando se realizavam jantares de turma e outros eventos, eras uma pessoa participativa? Ou colocavas algum entrave?

E3 – Alguns, alguns, porque eu sempre ponderava os custos dos jantares. Não podia ir a todos, não tenho ainda condições para ir a todos os jantares que a turma realiza, neste aspeto quando digo que não vou, não me questionam, não perguntam se tenho dificuldades mas ia a alguns jantares. Sim, alguns eventos.

V – Já referiste que não tens colegas dos PALOP a frequentar o teu mestrado e de outras nacionalidades?

E3 – Não, sou a única estrangeira, e portanto a turma também era muito pequena, éramos 15 alunos, eu era a única estrangeira mas tentava estudar com as minhas colegas portuguesas.

V – São os teus colegas que te convidam ou és tu que tomas a iniciativa de os convidar?

E3 – Muitas vezes sou eu a tomar a iniciativa, mas também uma boa parte são os colegas. Aquilo é como se fosse uma família, nós falávamos juntos, decidíamos as coisas juntas e muitas vezes estudávamos em grupo, dividíamos em 2 ou 3 grupos mas combinávamos sempre um dia para fazer trabalhos ou estudar para algum exame, foi sempre assim.

V – Estes são amigos que conheceste na Universidade?

E3 – Foi, foi, foi, são amigos, colegas de turma que conhecemos durante o curso. Fomo-nos conhecendo e, como já tinha referido, é uma família, uma nova família que recriei.

V – O facto de não teres família no Algarve impulsiona-te para que tenhas que fazer amigos, ou faz parte da tua personalidade?

E3 – Faz parte da minha personalidade, mas também influenciou um bocado porque é uma forma de afogar as mágoas, as saudades e a falta que sinto de estar com a minha família e com os meus amigos fora do ambiente académico, então faz com que eu tomo essas decisões.

V – Ocorre-te relatar outras dificuldades encontradas pelos alunos dos PALOP a frequentar a UAlg?

E3 – É assim eu fui conhecendo também alunos da licenciatura e alguns do mestrado de outra turma e a gente durante o intervalo, durante a hora de jantar falávamos um pouco, e então durante a nossa conversa eu recordo que a maior dificuldade é a falta de informação desde que o aluno sai do seu país de origem, por exemplo: podiam criar alguma Associação onde os alunos dos PALOP que já estão na faculdade há mais tempo podiam disponibilizar os seus contactos de e-mails ou telefónicos para eventuais apoios aos novos alunos, os novatos venham a precisar, antes de nós chegarmos aqui já termos contactado com a pessoa, já esclarecemos umas perguntas, como é o clima, como é que é aqui os preços da alimentação, do alojamento, o estilo de vida do Algarve e na faculdade, como é que as coisas se processam, para ter uma ideia quando a gente chegar aqui não ter aquele choque, não ser tudo muito novo, para sabermos agora que estou na faculdade não conheço nenhuma colega e agora como é que eu regresso a casa. Em termos de estadia existe muita dificuldade, porque quando os alunos chegam cá são as famílias que tentam contactar outros familiares para saber se conhecem alguém que esteja na faculdade ou tenha filha a estudar, que tenha amigos porque nós chegamos sempre muito atrasados.

V – No que respeita às questões burocráticas na UAlg, tens tido algumas dificuldades?

E3 – Relativamente à UAlg não tenho muita razão de queixa, em termos de prestação de apoio ou responder às minhas dúvidas, são muito eficientes nesse sentido, o que eu senti durante o mestrado, principalmente no primeiro ano é que a diretora de

turma é muito ausente e todos falavam disso, não estava perto da gente para saber [o que] se podia melhorar ou quais as dificuldades que estávamos a enfrentar.

V – Sentiam-se desamparados?

E3 – Exatamente, muita distância, eu senti isso mas da Universidade em geral, burocracia não.

V – Durante o tempo que estivestes a frequentar a Universidade do Algarve conheces-te alguma instituição que dê Apoio Social?

E3 – Bom! Isto é assim, nos primeiros dias eu tinha esse problema como já tinha referido, então fui perguntar a minha diretora de turma como é que era, se a Universidade tinha algum apoio social nesse sentido que ajude a arranjar quartos e alojamentos para os estudantes que residem fora do Algarve, neste caso fora da cidade de Faro, ela só me disse que sim de uma forma muito despachada, que tinha de me dirigir ao secretariado de mestrado para obter mais informações, com o contacto que me deram não consegui contactar nem saber qual era o nome da instituição, nesse sentido é pá voltei à estaca zero, até que resolvi procurar outras vias para me desenrascar.

V – Sentes que a Universidade não respondeu às tuas necessidades em concreto?

E3 – Não.

V – Já tiveste algum problema no pagamento das propinas ou das senhas de almoço?

E3 – Não tive apoios da faculdade. Sempre tive que trabalhar alguns meses e ir juntando dinheiro para pagar as propinas e muitas vezes pagava propinas fora da data estipulada e nunca ninguém me questionou se eu precisava de ajuda, qual era a minha dificuldade, sempre diziam que eu tinha muitas a pagar por efetuar o pagamento fora do prazo, era a única coisa.

V – Nunca sentiste grande facilitação a esse nível?

E3 – A esse nível não.

V – Agradeço a tua disponibilidade, e aproveito já para solicitar a tua disponibilidade posteriormente para fazermos outra entrevista.

## Transcrição da segunda entrevista a Clara

### Histórias de vida

|       |      |            |       |          |
|-------|------|------------|-------|----------|
| Clara | Faro | 18-06-2015 | 22H51 | 00:25:51 |
|-------|------|------------|-------|----------|

V – Boa noite Clara, tenho aqui uma dúvida que tem a ver com a compressão da língua portuguesa, sentiste alguma dificuldade inicialmente quando vieste para cá?

E3 – Sim. Inicialmente, foi muito difícil porque lá em Cabo Verde estamos mais acostumados a falar (em casa e mesmo nas instituições) o Crioulo. Mesmo na escola não são todos os professores que cumprem as regras de lecionar em português. Então, quando chegamos cá, temos essa dificuldade. Mesmo lá escrevíamos em português mas não era rigoroso. Aqui, no início, tinha receio de falar porque tinha medo de errar, e havia algumas palavras em crioulo que se intrometiam no meio do português, então parecia que alguns colegas portugueses, não percebiam aquilo que eu dizia, porque também era um hábito falar muito rápido, foi detetado isso até os colegas diziam: se falar com mais calma se calhar entendemos melhor, com o convívio, passado algum tempo, seis meses, um ano, este medo foi-se perdendo, uma pessoa aqui tem mais hábito de ler. Comecei a ler mais, a corrigir os meus erros, mas tenho sempre o sotaque, há algumas pessoas que acham piada, há outras que gozam e pronto, mas é [preciso] saber lidar com esta dificuldade o mais natural possível, no meu caso que eu sou uma pessoa muito comunicativa, mais liberal, não tive tanto esses problemas, mas noto nos meus colegas [cabo-verdianos] que eles têm medo de falar português, têm medo de se dirigir a uma instituição para pedir ajuda, porque vão ter de falar português, têm medo de fazer uma reclamação por escrito porque não sabem como redigir um texto em português, são essas as dificuldades.

V – Tens detetado essa dificuldade nos teus colegas dos PALOP?

E3 – Sim dos meus colegas, exato.

V – Achas que os cursos têm um número elevado de disciplinas e de duração do tempo letivo?

E3 – Em relação a isso eu acho que o ensino português tem alguns pontos a melhorar. Acho que deviam dar mais ênfase às disciplinas específicas de cada curso, no

nosso caso, alunos dos PALOP, seria importante introduzir uma disciplina de língua portuguesa como uma disciplina de apoio.

V – Facilitaria no processo de integração?

E3 – Sim porque a nossa integração, o nosso desenvolvimento é todo um processo de aprendizagem, mesmo com a língua inglesa e com a informática, porque, quando chegamos cá, a maior dificuldade que temos não é propriamente na língua é mais nos equipamentos tecnológicos, por exemplo lá em Cabo Verde nós não começávamos a mexer no computador muito cedo, é só a partir do 10º ano, 11º e 12º. Lá em Cabo Verde ultimamente [acerca] de 10 anos é que [se começou a utilizar o computador no] 7º, 8º 9º ano.

V – Ninguém tinha computador?

E3 – Só se fossem os alunos da cidade, os pais tinham computador em casa ou os pais trabalhavam com o computador de serviço, no dia a dia, eu não sabia o que era um computador, como se liga e desliga e como se escrevia no computador, então quando chegamos cá temos dificuldades nesse sentido porque [não conseguimos acompanhar] os alunos portugueses, não conseguimos acompanhar nesse sentido, não vai ficar no grupo porque não sabe e não trabalha com muita facilidade no computador, principalmente no curso de *Marketing* tem muita parte de desenho e multimédia que se necessitava do computador.

V – Achas que uma disciplina na área de informática além do português seria importante?

E3 – Seria muito importante para começar.

V – Ajudaria e facilitaria a integração dos estudantes com algumas dificuldades específicas?

E3 – Sim, Sim, não só para isso, é mais pra nós estudantes dos PALOP mas a nível geral acho que a língua inglesa está a ser pouco explorada nas faculdades. Normalmente só existe inglês num semestre que é no início do curso, depois já não se fala mais no inglês, o aluno se quiser melhorar, se quiser aprofundar o seu inglês vai a uma instituição particular procurar alguém que o faça, acho que isto devia ser obrigatório no ensino português.

V – Conheces alunos de outras nacionalidades a frequentar a UAAlg?

E3 – É assim, cá no Algarve não conheço esta realidade, mas quando estudei em Leiria havia muita inter-relação entre alunos de diferentes nacionalidades. Através da associação de estudantes promoviam-se eventos, convívios e também havia mesmo uma associação de estudantes africanos. Todos os meses de maio é celebrado a festa nacional dos estudantes africanos, com diferentes atividades, desde a dança, a música, o teatro, os desfiles, apresentações de gastronomia. Isto é muito bom para nos conhecermos uns aos outros, para sentirmos qual a dificuldade que temos, para nos apoiarmos uns aos outros e percebermos as nossas diferenças, porque dentro das várias etnias africanas nós mesmos comparamos e mostramos entre nós o ato de racismo e isso nota-se, nota-se.

V – Achas que esta inter-relação entre os diversos alunos iria esbater esses problemas que acabaste de referir?

E3 – Sim, sim, desde a forma de vestir, isto deve ser angolano, deve ser guineense ou pelo tom de pele mais escuro, pela forma de comunicar, de estar e portanto, com o convívio vai-se apercebendo das diferenças e das igualdades e isso é muito bom, cá em baixo não conheço esta realidade, ou não se divulga pelo menos antes dos mestrados.

V – Em relação aos professores, existe abertura para conhecerem e perceberem as necessidades dos alunos?

E3 – Vou fazer uma comparação: fui muito bem acolhida cá no Algarve pelos professores, sempre que fui à procura de apoios obtive-os, mas os apoios nunca chegaram a mim. Os professores não são próximos dos alunos para tentarem saber como é que se chama uma aluna nova, donde é que veio? Como é que é o seu país? para falar de assuntos além do académico, para tentar perceber.

V – Perceber as dificuldades pessoais de cada um?

E3 – Tentar entender a vida pessoal de cada um, mas eu acho que é importante, é uma forma de acolher, é uma forma de receber de interagir com os alunos, não focando somente nos assuntos académicos, mas sim, tentar ir para a parte humana.

V – Achas que a Universidade devia ter uma visão mais abrangente deste problema?

E3 – Sim, notei alguma dificuldade, comparando com a universidade [Instituto Politécnico] de Leiria, onde os professores são mais amigos, os professores são mais

presentes, os professores almoçam com os alunos, os professores sentam-se na mesma mesa onde estão os alunos.

V – E na Universidade do Algarve?

E3 – Aqui eu vejo os professores só vão comer no restaurante mais chique do Algarve, nas Gambelas há um restaurante que é mais caro e é mais os professores que estão ali e também alguns estudantes que vão comer ali, mas eu vejo que há uma parte onde se sentam só os estudantes e outra parte onde se sentam só os professores e falam entre eles, lá em cima não é assim, lá em cima os professores procuram estar perto dos alunos. Está cá um professor, o outro professor que vai almoçar não [se] vai sentar perto do outro professor, porque eles não têm outra oportunidade de sentar perto do aluno para saber o que se passa, para meter conversas, para combinar mais jantares, almoços e convívios e outras atividades, são mais presentes, mais apoio neste sentido, acho que isto falta cá em baixo.

V – Na Universidade do Algarve, faz falta uma maior aproximação?

E3 – Uma maior presença, sim, aqui não se disponibilizam assim tanto, ali [em Leiria] os professores disponibilizavam os seus contactos telefónicos, a qualquer hora podemos ligar ou podemos mandar uma mensagem, fazem parte da vida do aluno de uma forma geral e aqui nota-se uma grande diferença.

V – Queres sugerir o que é que entendes que se devia fazer para, futuramente, se conseguir uma melhor integração dos alunos estrangeiros na UAlg, tens alguma opinião?

E3 – É assim, eu acho que se deveria proporcionar uma palestra aberta sobre o assunto onde os alunos dos PALOP podiam apontar as suas dificuldades, podiam sugerir soluções para [resolver] esse tipo de problemas e pronto, tentarem ter mais convívios, [como por exemplo] visitas de estudos, palestras, almoços, jantares.

V – Consideras que ainda há um trabalho por desenvolver nesta área e seria importante a Universidade empenhar-se?

E3 – Sim, até para a imagem da Universidade do Algarve lá fora.

V – Que outro tipo de projeto achas importante que facilitasse a integração dos estudantes dos PALOP na Universidade?

E3 – Eu acho que devia existir um gabinete de acompanhamento aos estudantes estrangeiros para facilitar informações, relativamente, com o SEF, com o Consulado, com a Câmara Municipal, porque muitas das vezes notamos diferenças nos diversos “SEFES”, lá em cima não é assim, têm várias etnias a trabalhar no SEF, têm brasileiros, têm portugueses, têm cabo-verdianos, têm outras nacionalidades e eu estou a falar em termos das funcionárias, que cada uma fornece [informação diferente], isto é o que [se] tem notado através das conversas que já tive com as minhas colegas, [que são] estudantes de PALOP, da minha nacionalidade e dos outros países: Guiné, São Tomé, Moçambique, Angola e chegamos à conclusão que cada funcionária fornece uma informação diferente, que não há unanimidade nas informações, que não seguem uma regra e então os estudantes sentem-se desamparados nesse sentido, têm dificuldades em renovar um documento, têm dificuldades a tratar dos documentos necessários, não sabe onde é que se vai tirar [o visto], como se faz para obter o documento, como se faz para exigir os direitos que tem e então é aquilo que dizem e muitos arrastam meses e meses e até anos sem documentos, e então isso dificulta a vida. Se quer ir a casa passar natal com a família não pode porque não tem documento validado, nesse sentido eu acho que as universidades deviam ter uma parceria com essas entidades tal como o SEF, Câmara Municipal e os Consulados.

V – Frequentaste outros cursos na UAlg?

E3 – Não, só estou a tirar o mestrado de *Marketing* porque tenho que conciliar com o trabalho e não dá para muito mais.

V – E relativamente à tua passagem pelo Ensino Superior em Portugal, resume-se apenas a aprendizagem ou à abertura de novos horizontes?

E3 – No meu caso foi mais pela abertura de novos horizontes, eu vinha à procura de novos desafios, queria adquirir novos conhecimentos e ter oportunidade de conviver com mais nacionalidades porque sabia que na universidade portuguesa iria relacionar-me com diferentes etnias e sempre soube que a multiculturalidade serve para fazer crescer uma pessoa e não para andar como as tartarugas. É nesse sentido porque nas Universidades em Cabo Verde eu só iria conviver com cabo-verdianos, porque não vão alunos de outros países estudar para Cabo Verde porque não é dos mais desenvolvidos e Portugal é conhecido internacionalmente que tem bons ensinos, está provado. Vem

estudantes de todos os países através de ERASMUS ou através de programas dos PALOP para concluir os estudos superiores.

V – Pensas dar continuação aos teus estudos em Portugal ou pensas acabar por aqui?

E3 – É assim, por agora pretendo terminar o Mestrado, regressar a Cabo Verde, trabalhar, constituir família, desenvolver a minha carreira profissional, ganhar mais experiência no mercado e, quem sabe, daqui a 10 anos estar a fazer o doutoramento. Nunca é tarde para estudar, o espírito é que tem de se manter sempre jovem, é este o meu projeto para o futuro.

V – Clara, gostaria de saber se foste praxada quando fizeste o teu ingresso na UAlg e se entendes que as praxes são um fator de integração?

E3 – Não Vítor, eu quando ingressei na UAlg já foi para o mestrado, porque a licenciatura foi feita em Leiria. Como não era iniciada na Universidade não fui sujeita a praxe mas, em Leiria, quando fiz a licenciatura fui praxada e tenho madrinha. Foi através da minha madrinha que eu tive conhecimento da Universidade do Algarve, mas não conhecia os cursos, ela é que falou dos mestrados porque tinha tirado o seu em parceria com a Universidade do Algarve e assim incentivou-me também a fazer o meu mestrado aqui, mas acho que as praxes são muito boas para integrar os alunos quando chegam à universidade, mas as coisas têm de ter regras. Coisas malucas que mandam fazer aos estudantes, isso não concordo, mas existem brincadeiras que fazem os alunos ficarem mais próximos e sentirem-se integrados, principalmente para quem vem de novo e é estrangeiro. Teres um padrinho ou uma madrinha é sempre um conforto nestas alturas, por isso considero as praxes como um movimento de integração dos alunos.

V – Ok Clara, obrigado, agradeço a tua disponibilidade mais uma vez, desejo-te as maiores felicidades para a tua vida futura.

### Apêndice 3. Caracterização dos Entrevistados

| Caracterização dos entrevistados que participaram na investigação |               |              |              |                                     |
|---|---------------|--------------|--------------|-------------------------------------|
|   | <u>Género</u> | <u>Idade</u> | <u>País</u>  | <u>Curso que frequenta na UAlg</u>  |
| E1  | Masculino     | 40           | Guiné-Bissau | Licenciatura em Gestão de Empresas. |
| E2  | Masculino     | 22           | Angola       | Licenciatura em Gestão de Empresas. |
| E3  | Feminino      | 27           | Cabo Verde   | Mestrado em Marketing.              |